



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



**CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR DA AVIFAUNA DA ÁREA DE
INFLUÊNCIA DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS, CAPÃO DO LEÃO, RS.**

GABRIELA SOARES TRAVERSI

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Campus Universitário s/nº
Caixa-postal 354 CEP 96010-900
Pelotas – RS – Brasil

2005

Gabriela Soares Traversi

**Caracterização Preliminar da Avifauna da Área de Influência do
Campus da Universidade Federal de Pelotas, Capão do Leão, RS.**

Monografia apresentada como um dos requisitos ao grau de Bacharel em Ciências Biológicas, área de concentração em Meio Ambiente do Curso de Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS.

**ORIENTADOR: PROF^a ^(O). DR. JOSÉ EDUARDO
FIGUEIREDO DORNELLES**

Pelotas
Estado do Rio Grande do Sul – Brasil
06/07/2005

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
1. Introdução.....	7
1.1. Objetivos.....	8
1.2. Revisão Bibliográfica e Trabalhos Precedentes.....	9
2. Material e Métodos.....	12
2.1. Metodologia das observações em campo.....	12
2.2. Metodologia da coleta de dados e descrição.....	14
3. Localização e Acesso.....	15
3.1. Caracterização da área de trabalho.....	15
3.1.1. Meio Físico.....	17
3.1.2. Meio Biótico.....	17
4. Ornitologia.....	20
4.1. Caracterização e biologia geral das famílias estudadas.....	20
4.1.1. Ardeidae.....	20
4.1.2. Threskiornithidae.....	21
4.1.3. Accipitridae.....	23
4.1.4. Falconidae.....	24
4.1.5. Anatidae.....	25
4.1.6. Rallidae.....	26
4.1.7. Jacanidae.....	27
4.1.8. Charadriidae.....	28
4.1.9. Columbidae.....	28
4.1.10. Psittacidae.....	30
4.1.11. Cuculidae.....	31
4.1.12. Trochilidae.....	33
4.1.13. Alcedinidae.....	34
4.1.14. Picidae.....	34
4.1.15. Furnariidae.....	36

4.1.16. Tyrannidae.....	37
4.1.17. Hirundinidae.....	41
4.1.18. Troglodytidae.....	41
4.1.19. Muscicapidae.....	42
4.1.20. Emberizidae.....	43
4.1.21. Parulidae.....	47
4.1.22. Icteridae.....	49
4.1.23. Passeridae.....	50
5. Resultados.....	52
5.1. Lista das aves ocorrentes na área de estudo.....	52
5.2. Tabelas.....	60
5.2.1. Frequência de Ocorrência das espécies observadas no Campus da UFPel no período de Julho/2004 a Maio/2005.....	60
5.2.2. Espécies registradas ao longo das áreas de estudo estipuladas.....	62
6. Considerações Finais.....	64
7. Conclusões.....	67
Referências.....	69
Anexos.....	73

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Marilu, pela amizade, amor e força incondicionais que sempre me deu, desde a primeira vez em que lhe disse que queria ser Bióloga. E ao meu pai, Eduardo pelo incentivo para que sempre seguisse em frente, fizesse meu caminho e assim aprendesse a crescer.

Ao meu irmão, Eduardo, pelo companheirismo e cumplicidade que temos desde quando éramos crianças e aumenta a cada dia que passamos juntos.

Ao meu “mano mais velho”, Diego, pelas horas de conversas amigas, desabafos, risadas e lembranças de uma infância cheia de brincadeiras e aventuras, além de toda ajuda

Aos meus orientadores (Mestres!!) Dornelles e Max, pelo conhecimento que me deram com tanta paciência.

À Gracinha, minha amiga de todas as horas, pelas palavras amigas e por tudo que passamos juntas nestes quatro anos de amizade.

Ao meu grande amigo Teo, por tudo que me ensinou no tempo que trabalhamos juntos.

Aos meus queridos amigos Christian e Maycon, por me ensinarem a importância de estar em campo e aprender sempre mais sobre as aves.

Às aves, animais fascinantes que tive oportunidade de conhecer e me apaixonar cada vez mais!!

A todos vocês fica o meu muito obrigado e a certeza de que se não estivessem comigo, nada disso teria sido possível!!

Dedico este trabalho aos meus pais, Eduardo e Marilu e ao meu irmão Eduardo Jr.

RESUMO

De acordo com Sick (1997) o Brasil possui 1.590 espécies de aves, das quais 624 foram registradas no Rio Grande do Sul, correspondendo a mais de um terço de todas as espécies conhecidas no Brasil, segundo Belton (1994).

As aves fazem parte do cotidiano das pessoas, elas são excelentes indicadores das condições ambientais por possuírem uma sensibilidade maior que os seres humanos. Algumas espécies fazem controle biológico alimentando-se de pragas como insetos e lagartas em lavouras, já outras caçam ratos e atacam serpentes, fazendo o controle destes animais. Existem ainda aves chamadas de necrófagas, f tanatocenose, pois, ao se alimentarem de carcaças, evitam que essas se acumulem ou fiquem expostas. Outra grande importância das aves é o seu papel na polinização, dispersão de sementes e manutenção do equilíbrio ecológico dos diferentes ecossistemas.

O ponto principal desta pesquisa é conhecer as aves que fazem parte do Campus da UFPel e também a interação com este ecossistema, para fins de conservação.

Outro ponto, é a verificação das ações antrópicas no habitat destas aves, Campus da UFPel é um local urbanizado, onde existe um fluxo constante de pessoas, e ao mesmo tempo, rodeado por ambientes pouco antropizados.

Ao final de um ano de trabalho, foram realizadas 14 saídas de campo aos três a em estudo. Foram registradas 57 espécies, divididas em 23

Em resumo, considera – se aqui que o estudo das aves e de suas interações com o ambiente em que vivem é importante, não só em termos de sistemática e classificação, mas endimento do uso, conservação e manutenção de nossa biodiversidade e

1. INTRODUÇÃO

A América do Sul é considerada “o continente das aves”, pois o número de espécies residentes, somadas às visitantes, chega a 2.920. (SICK, 1997 *apud* MEYER DE SCHAUENSEE, 1970).

De acordo com Sick (1997) o Brasil possui 1.590 espécies, 86 famílias e 23 ordens, das quais são residentes no Brasil, por exemplo, a Ema (*Rhea americana*), uma das maiores aves do mundo; aves de pequeno porte como beija-flores; voadores de grande porte como os Albatrozes e o Condor-dos-Andes (*Vultur gryphus*); assim como o Gavião-real (*Harpia harpyja*), considerado a mais possante ave-de -rapina do mundo.

Belton (1994) comenta que “O Rio Grande do Sul ocupa uma zona de transição com uma diversidade considerável de espécies. Já foram registradas 624 espécies de aves no Estado, essas correspondem a mais de um terço de todas as espécies conhecidas no Brasil. Das 466 espécies reprodutoras no estado, somente 166 ou 35,6% distribuição além das fronteiras terrestres em todos os três lados do Rio Grande do Sul, enquanto que 300 espécies ou 64,4% estão distribuídas dentro dos limites do Rio Grande do

Existem aves cuja distribuição ocorre fora dos limites geográficos do Rio Grande do Sul. Estas espécies se projetam para dentro do mesmo pelos mais diversos corredores ecológicos caracterizando o Estado como um grande ecótono. Este fato determina o surgimento de setores que favorecem a ocorrência de certas espécies encontradas em nenhum outro sítio, mesmo não sendo endêmicas do Rio Grande do Sul.

Desta forma, espécies como o Grimpeirinho (*Leptasthenura striolata*) e o Papagaio Charão (*Amazona petrei*), tendem a ficar restritas ao Rio Grande do Sul, embora não tenham seu centro de endemismo no Estado (BELTON, 1994).

1.1 Objetivos

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivos:

- O conhecimento das espécies que compõem a avifauna da área de influência do Campus da Universidade Federal de Pelotas;
- Observar as interações das aves com os diferentes ecossistemas presentes no Campus da UFPel;

- Determinar a existência da ação antrópica no Campus da UFPel e sua influência sobre a avifauna local.

1.2 Revisão Bibliográfica e Trabalhos Precedentes

O avanço aleatório da urbanização no mundo e a sua velocidade, são importantes para entender a vida das aves no ecossistema urbano. (MATARAZZO-NEUBERGUER, 1995).

Ao analisar os graus de urbanização de um ambiente, Beissinger & Osborne (1982) constataram que a complexidade da cobertura vegetal é um fator que leva a uma maior diversidade. Por isso, a urbanização pode ser o único caminho para a preservação de uma vegetação que assegure que até mesmo as espécies de aves menos adaptadas possam ter uma oportunidade de se estabelecer em cidades. (SASVARI, 1984).

A urbanização introduz diversas mudanças no ambiente original, tornando-o um mosaico de ilhas de diferentes tamanhos e formas, que é invadido por espécies oportunistas ou exóticas e recebe contínuas perturbações humanas, fazendo com que a vegetação torne-se alterada. Portanto, os ecossistemas urbanos oferecem uma ótima oportunidade para o estudo de comunidades de aves. (DICKMAN, 1987).

Emlen (1974) diz que a urbanização pode proporcionar um experimento ecológico, permitindo a introdução de novas características em uma área restrita mantendo algumas características originais criando um novo habitat sintético que pode ser invadido e colonizado por qualquer ave que possa alcançá-lo, utilizar seus recursos e sobreviver a seus perigos especiais.

Os efeitos das modificações antrópicas são notáveis, sobretudo nos *habitats* urbanos, onde os fatores físicos, a natureza e a configuração dos recursos, assim como os componentes bióticos sofrem alterações que podem deslocar os limites do equilíbrio que existe entre animais e os ecossistemas em que vivem. A imprevisibilidade passa a ser uma característica destes biótopos e causa aceleração nos ciclos de extinção e recolonização. (FRANKIE, EHLER, 1978 ; LAROCA, CURE, BORTOLI, 1982).

As comunidades de aves estão sujeitas a uma série de eventos locais, recolonizações e invasões devido aos processos de dispersão e reprodução das espécies no mosaico urbano. Tais processos dependem do grau de tolerância de cada

espécie aos diferentes ambientes formados, havendo as mais tolerantes, que podem ocupar um grande número de ambientes, até aquelas mais sensíveis, que ocupam poucos ambientes. Muitas espécies desaparecem das áreas alteradas pela urbanização, enquanto algumas logram viver em ambientes urbanos, formando um grupo de aves sinantrópicas de amplas áreas de distribuição. (ACCORDI, 2001). Um dos melhores exemplos de aves sinantrópicas é o Pardal (*Passer domesticus*), que além de ser uma espécie exótica, convive perfeitamente em áreas urbanas.

Segundo Voss & Sander (1984) as espécies de aves podem estar distribuídas no ambiente urbano de acordo com seu hábito. Aves de vôo vigoroso, vindas dos arredores da cidade podem utilizar a arborização urbana e antenas de TV como locais de pouso, já as espécies de vôo mais fraco podem fazer uso de corredores de acesso formados pela vegetação arbórea remanescente de quintais e jardins e ainda podem existir espécies que talvez sejam descendentes diretas das populações pré-existentes que possuem hábitos presumivelmente sedentários.

Ao longo dos anos alguns trabalhos de levantamentos de aves em ambientes urbanos vêm sendo realizados. Destacamos os seguintes:

Voss (1979), observou na área central de Porto Alegre, RS, de novembro de 1976 a setembro de 1978, 26 espécies e 14 destas também foram registradas no Campus da UFPel.

Voss (1981), encontrou 70 espécies de aves ocorrentes no Jardim Botânico de Porto Alegre, RS, no período de junho a novembro de 1979. 32 destas espécies aparecem no Campus da UFPel.

Voss & Sander (1982), documentaram 46 espécies presentes no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, RS, de março de 1977 a fevereiro de 1981 e 24 destas foram registradas no Campus da UFPel.

Anjos & Laroca (1989), analisando dois locais com diferentes graus de urbanização situados no interior da cidade de Curitiba, PR, registraram um total de 75 espécies nos dois locais no período de julho a dezembro de 1986, das quais 19 também se encontram no Campus da UFPel.

Matarazzo-Neuberguer (1990), em um estudo realizado de março de 1979 a novembro de 1980, listou 68 espécies de aves na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, São Paulo, SP. Destas 68 espécies, 20 também foram encontradas no Campus da UFPel.

Matarazzo-Neuberguer (1995) observou 68 espécies entre os meses de julho de 1982 a junho de 1984 em cinco parques e praças da grande São Paulo. 17 das 68 espécies estão presentes no Campus da UFPel.

Accordi (2001) pesquisando três sítios contíguos na zona urbana de Canoas, RS, de 1994 a 1998, apresentou uma avifauna de 123 espécies, das quais 39 também aparecem no Campus da UFPel.

Efe, Mohr & Bugoni (2001) realizaram um estudo em sete parques de Porto Alegre, RS, e um localizado em Viamão, região metropolitana de Porto Alegre, RS, durante os meses de junho de 1998 a junho de 1999 e registraram 168 espécies de aves.

Höfling & Camargo (2002) registraram 134 espécies na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, São Paulo, SP.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Metodologia das observações em campo

Foram feitas visitas periódicas, entre os meses de julho de 2004 e maio de 2005, com pausas em dezembro de 2004, fevereiro, março e abril de 2005, nestes meses não foi possível a ida ao Campus devido ao recesso de final de ano e período de férias. As saídas de campo eram feitas em pontos pré-estabelecidos, levando em consideração a facilidade de visualização das aves em todos os ambientes do Campus. A duração média era de trinta minutos e eventualmente extrapolando duas horas, nos turnos da manhã e da tarde, já que nesses horários as aves estão mais ativas e a visualização é melhor, devido aos fatores climáticos serem mais brandos e à necessidade das aves em forragear. Além disso, procurou-se aproveitar o período reprodutivo de algumas espécies.

Segundo Devey, (2003), durante a temporada reprodutiva, as aves são muito mais ativas, vocalizando com maior frequência, tornando a localização e identificação das

Todas as espécies, (incluindo as em vôo), foram observadas através do uso de binóculo Bushell® 7X50. As vocalizações foram gravadas com auxílio de gravador Sony® TCM-200DV com o intuito de identificação das espécies *a posteriori*.

A utilização de gravações e “playbacks” são recursos fundamentais para identificação de aves raras, conspícuas e seguidoras de bandos mistos de dossel. (PARKER, 1990).

Após a observação, uma breve identificação foi feita através dos guias de identificação de aves levados a campo. As espécies foram listadas na caderneta de campo e a confirmação das mesmas foi feita após revisão em bibliografia apropriada.

sectos e por pontos fixos.

No método por transecto, o observador anota os registros visuais ou auditivos enquanto caminha ao longo de uma trilha. Porém existem algumas desvantagens, visto que, enquanto o observador está caminhando, há uma preocupação com o deslocamento e isso pode prejudicar a detecção de algumas espécies. No entanto, por ser basicamente visual este método é o mais indicado para áreas abertas (DEVELEY, 2003).

A contagem por pontos fixos é o principal método utilizado para monitoramentos e levantamentos de aves em vários países, devido a sua eficácia em todos os tipos de terrenos e habitats. Este método permite estudar mudanças anuais nas populações de aves, as diferentes espécies que compõem determinado tipo de ambiente, bem como os padrões de abundância de cada espécie. Porém, pode apresentar algum problema na visualização de aves particularmente silenciosas, noturnas ou que se deslocam em bandos. (RALPH *et. al.*, 1996).

O mecanismo da contagem por pontos fixos consiste em o observador permanecer parado por um tempo pré-determinado, anotando todas as aves registradas por observação ou vocalização. (DEVELEY, 2003)

Os dois métodos foram utilizados em todos os ambientes de estudo. Primeiramente, foi definido o caminho que ia ser percorrido e a trilha a ser seguida de acordo com o método por transectos, começando pelo Lago e seguindo em direção a área construída e urbana do Campus da UFPel, passando pelos bosques de Eucalipto que margeiam a área. Em seguida, foram estabelecidos os pontos fixos onde as aves seriam observadas. A escolha dos pontos foi feita de acordo com a localização dos melhores locais de observação, possibilitando assim uma melhor visualização das aves.

Desta forma, além de serem observadas em pontos fixos, as espécies também eram registradas à medida que uma trilha era seguida. O caminho era percorrido em direções

opostas de acordo com os dias, possibilitando a visita em todos os pontos durante todas as horas de campo.

2.2. Metodologia da coleta de dados e descrição

Após as saídas de campo, os dados coletados eram analisados, utilizando bibliografia especializada e guias de campo contendo fotos e desenhos. Algumas identificações eram feitas através de fotografias que foram tiradas no próprio local de
izações feitas em campo também foram utilizadas para

Em seguida, as espécies foram listadas, divididas por famílias e a frequência de ocorrência foi estabelecida de acordo com o número de visitas. Cada família foi rapidamente caracterizada, seguida pela descrição das espécies segundo vários autores.

Os nomes específicos e populares, bem como famílias e subfamílias, estão atualizados de acordo com Bencke (2001).

Quase todas as espécies listadas possuem exemplares no acervo orn Museu Carlos Ritter, da UFPel, segundo Dornelles *et al.* (2004), exceto as espécies *Columbina picui* (rolinha-picuí), *Phylloscartes ventralis* (borboletinha-do-mato), *Coryphospingus cucullatus* (tico-tico-rei), *Cyanocompsa brissonii* (azulão-verdadeiro), *Basileuterus culicivorus* (pula-pula), *Oreopsar badius* (asa-de-telha) e *Euphonia chlorotica* (fim-fim).

Os exemplares presentes no acervo também foram utilizados como material de identificação. Foram fotografados com máquina digital Polaroid® PDC 3030a fim de ilustrar as espécies observadas em campo e também para fins de divulgação do acervo. As fotografias constam no capítulo Anexos.

Não foi possível anexar as fotos das espécies *Hylocharis chrysura* (beija-flor-dourado), *Leucochloris albicollis* (beija-flor-de-papo-branco), *Serpophaga subcristata* (alegrinho), *Progne tapera* (andorinha-do-campo), *Troglodytes musculus* (corruíra), *Sicalis flaveola* (canário-da-terra), *Paroaria coronata* (cardeal), *Parula pitiayumi* (mariquita) e *Molothrus bonariensis* (vira-bosta), devido à sua má qualidade.

3. LOCALIZAÇÃO E ACESSO

3.1. Caracterização da área de trabalho

A área de estudo localiza-se no Campus da Universidade Federal de Pelotas, localizado no município de Capão do Leão, Rio Grande do Sul, Brasil, distante 15 Km da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, sob coordenadas UTM 22J 0365838; 6480871.

A região está inserida na formação caracterizada como Planície Costeira, que pode ser dividida em duas partes, Planície Costeira Externa e Planície Costeira Interna.

A Planície Costeira Externa caracteriza-se pela presença de dunas e situa-se ao longo da costa marinha. É formada por depósitos de sedimentos marinhos lagunares, eólicos e aluvionares do período Quaternário (Holoceno). Já a Planície Costeira Interna estende-se à oeste da anterior na mesma direção da linha da costa, tendo sua maior parte localizada entre as lagoas dos Patos e Mirim e o Planalto Sul Rio Grandense, sendo formada por rochas sedimentares pouco consolidadas do período Terciário e Quaternário (Pleistoceno). (Levantamento de Recursos Naturais, vol 33, RADAM Brasil).

Dentre as regiões fitoecológicas que compõem o Rio Grande do Sul, a área estudada está inserida naquela que é descrita como Região da Floresta Estacional Semidecidual, a qual localiza-se na vertente leste do Planalto Sul Rio Grandense, recobrimo áreas do embasamento de granitos e gnaiesses do período Pré Cambriano. Esta região também ocupa o Extremo leste da Depressão Central do Estado, juntamente com parte da Serra Geral e seus patamares, recobrimo depósitos aluvionares do Quaternário, arenitos do Jurássico Formação Botucatu e basaltos do Juracretáceo. (Levantamento de Recursos Naturais, vol 33, RADAM Brasil). (Fig.1a)

A região da Floresta Estacional Semidecidual ainda divide-se em quatro formações: Floresta Aluvial, Floresta de Terras Baixas, Floresta Submontana e Floresta Montana.

O Campus da UFPel está inserido na formação de Floresta Aluvial, que fica ao longo de cursos d'água. (Fig.1b). Esta formação ribeirinha encontra-se nas áreas de depósitos aluvionares do Quaternário, localizadas nas várzeas ao longo dos rios Camaquã, Piratini e outros, que drenam do Planalto Sul Rio Grandense para a Lagoa dos Patos. Estas áreas estão situadas em altitudes de até 40 m acima do nível do mar e ocorrem solos do tipo Planossolos mal a imperfeitamente drenados, derivados de sedimentos oriundos da decomposição das rochas graníticas. Em levantamentos florísticos realizados nestes locais, as principais espécies identificadas foram: *Inga uruguensis* (ingá – banana), *Inga marginata* (ingá – feijão), *Luehea divaricata* (açoita – cavalo), *Sebastiania klotzschiana* (branquilha), *Terminalia australis* (sarandi – amarelo), *Salix humboldtiana* (salseiro), *Bambusa trinii* (taquaruçu). (Levantamento de Recursos Naturais, vol 33, RADAM Brasil).

O Campus da UFPel compreende, basicamente três tipos de ambientes: um lago artificial recente, de pequeno porte (31°48'3,8''S e 52°25'11,7''W), que recebe aporte de água oriunda de esgotos pluviais, ricos em matéria orgânica circundado por Eucaliptos, que foi chamado de Sítio I. O Sítio II corresponde à área urbana propriamente dita, onde estão localizados todos os prédios que comportam as faculdades presentes no Campus; a vegetação presente neste ambiente é composta por árvores que foram plantadas para fins paisagísticos, campos abertos e um pequeno lago. Ainda existe uma borda de mata constituída por um bosque de Eucaliptos, que foi chamado de Sítio III, e circunda praticamente toda a área do Campus, formando um corredor que

Os Sítios I e III constituem ambientes com pouca ação antrópica, possuindo uma vegetação mais variada e abrigando espécies mais conspícuas e sensíveis a presença do homem, já o Sítio II é caracterizado pelo fluxo constante de pessoas e meios de transporte como carros e ônibus, além de prédios e dois restaurantes, possui uma vegetação pouco variada, apesar de abundante em alguns locais e as aves presentes são mais resistentes e adaptadas às ações antrópicas.

3.1.1. Meio Físico

- **Relevo e solo**

O Campus da UFPel pertence à zona costeira do litoral sul do Rio Grande do Sul. Sua topografia é plana, variando de 25 m nas partes elevadas e 5 m nas partes mais baixas. Estas últimas constituem os banhados que margeiam a Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim.

Nas cotas mais altas, os solos pertencem à ordem Planossolos, que são constituídos por solos imperfeitos ou mal drenados encontrados nas várzeas com relevo plano ou suavemente ondulado. Apresentam em geral cor escura, sendo a camada mais baixa de cor mais clara.

- **Hidrologia**

O sistema hidrológico do Campus da UFPel é escasso, não há na área nenhum arroio ou riacho. O sistema de drenagem é composto por um conjunto de drenos naturais e de canais artificiais.

Existem dois drenos de saída de água para o lado Norte, um que desemboca junto à Prefeitura do Campus e outro associado à Faculdade de Engenharia Agrícola. Para o Sul, há um dreno junto ao lago artificial (Sítio I) e outro que passa nos fundos do restaurante Praça XV.

A ação antrópica resultante da ocupação da área pela atividade de ensino, caracteriza-se pelo fato de todos os dejetos sanitários serem lançados junto aos drenos naturais, fazendo com que a água do Campus seja de má qualidade e imprópria para o consumo.

3.1.2. Meio Biótico

- **Vegetação**

A área do Campus da UFPel é formada por uma vegetação herbácea, com predominância de espécies da família Poaceae e um bosque formado por algumas espécies de Eucaliptos que apresenta um sub-bosque constituído por Aroeiras (Sítio III).

O bosque margeia a parte Norte do terreno e se estende no sentido Leste-Oeste, bem como a parte Leste no sentido Norte-Sul até as proximidades do lago.

Soma-se a isto uma vegetação arbórea que faz parte do paisagismo da área construída do Campus (Sítio II). Algumas destas árvores são espécies de Pinheiros, Ciprestes e Acácias.

4. ORNITOLOGIA

4.1. Caracterização das famílias e espécies

4.1.1 ARDEIDAE

Encontram - se nesta família garças e socós.

São aves, em sua maioria, paludícolas. Possuem pernas e dedos compridos, pescoço fino e bico longo pontiagudo. (SICK, 1997).

De acordo com Sick, (1997), as garças têm a glândula uropigiana pouco desenvolvida e para manter a elasticidade e impermeabilidade das penas, possuem a plumagem rica em pó.

Syrigma sibilatrix (Temminck, 1824) - maria - faceira (**Fotos 1;2**)

De acordo com Belton (1994), esta espécie é um residente muito comum no Rio Grande do Sul, exceto no noroeste. O autor afirma também que esta garça pode ser encontrada bem longe da água, apesar de ocorrer em banhados e outros habitats aquáticos típicos das outras garças gaúchas.

Chama atenção por seu colorido composto por suas longas penas nucais negro azulada, dorso cinza azulado, bico rosado com ápice preto, pescoço e peito amarelos. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

Segundo Sick (1997) a cor amarela aparece e desaparece da plumagem devido à presença de pó nas penas. O autor ainda afirma que esta espécie voa com o pescoço menos

#*Casmerodius albus* (Linnaeus, 1758) - garça - branca - grande (Fotos 3;4)

Habitam ambientes aquáticos como lagos, banhados e rios. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001) e são encontradas na depressão central ao sul do Rio Grande do Sul até a fronteira uruguaia, no norte e no oeste do estado. (BELTON, 1994).

O tamanho, em média é de 88 cm, a plumagem é inteiramente branca, o bico amarelo e as patas pretas. Não há dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001)

Belton (1994) observou que geralmente mantém o pescoço bem esticado quando está pousada. Forma bandos numerosos, inclusive durante o período de nidificação. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

#*Egretta thula* (Molina, 1782) - garça - branca - pequena (Fotos 5;6)

Além de ocorrer em campos alagados, banhados, açudes, lagos e arro encontrada em praias de mar. (BELTON, 1994).

Possui a plumagem inteiramente branca, bico e pernas negros e dedos amarelos. Os jovens apresentam patas verde-amareladas. Ao pescar, tremulam os pés dentro d'água fazendo com que os animais que estão ocultos na lama sejam afugentados e possam ser capturados com o bico pontiagudo. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001)

4.1.2. THRESKIORNITHIDAE

Família de grande distribuição pelo mundo. Voam com o pescoço levemente curvado para baixo e com as asas levemente côncavas. (SICK, 1997)

Segundo Sick (1997), possuem bico longo, curvo ou em forma de colher. Machos tendem a ser maiores que as fêmeas, mas as plumagens são iguais, podendo desenvolver algum dimorfismo na fase reprodutiva. Os indivíduos imaturos podem apresentar o bico mais curto e um colorido diferente dos adultos. São sociáveis, reunindo-se em grandes bandos para dormir ou comer em postos distantes.

ano em números suficientes para tornar improvável qualquer migração significativa.

4.1.3. ACCIPITRIDAE

Grande família cosmopolita que compreende Gaviões e Águias. (SICK, 1997).

Segundo Sick (1997), a América Latina é a região mais rica em aves de rapina, mais de dez gêneros são restritos ao neotrópico. Sick (1997) ainda afirma que os Accipitridae possuem geralmente asas largas e arredondadas e seus vôos são intercalados com batidas

Quase não há dimorfismo sexual quanto ao colorido, porém, machos e fêmeas distinguem-se pelo tamanho, podendo a fêmea ser quase um terço maior que o macho. Imaturos também se distinguem dos adultos pela plumagem, podendo, muitas vezes ser (SICK, 1997).

Rostrhamus sociabilis (Vieillot, 1817) - gavião - caramujeiro (Fotos 11;12)

Residente ao longo do litoral do Rio Grande do Sul em banhados, campos alagados, açudes e lagos com vegetação. São comumente vistos pousados em linhas de postes de cercas e telefones e também em diques e montes de terra acima d'água. (BELTON, 1994).

Anegrado, com base da cauda branca, cera, face e patas laranja, bico adunco com maxila preta extremamente comprida e fortemente curvada para baixo. (BELTON, 1994). Fêmea e imaturo com faixa supraocular e garganta esbranquiçadas além do lado inferior estriado de creme (SICK, 1997), fáceis de distinguir de jovens estriados de outras espécies pela maxila. (BELTON, 1994). Alimenta - se de um molusco do gênero *Pomacea*. (SICK, 1997).

Caça em vôo apanhando o caramujo com os pés, empoleirando - se em seguida para comê-lo. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004). Possui uma unha pectinada no dedo médio que auxilia na remoção de algum muco dos moluscos que fica preso à sua plumagem. (SICK, 1997).

Circus buffoni (Gmelin, 1788) - gavião - do - banhado (Fotos 13;14)

Encontrado especialmente de Porto Alegre ao sul do Rio Grande do Sul, no sudoeste e extremo oeste do Estado, é um residente comum de arrozais, banhados e outras lagoas do litoral. (BELTON, 1994).

Apresenta acentuado dimorfismo sexual, com a plumagem diferindo e sendo a fêmea maior que o macho. (SICK, 1997). O macho possui o dorso e o ápice das rêmiges pretos, fronte e ventre brancos, assim como o uropígio. (NAROSKY & YZURIETA, 2003). Rêmiges, coberteiras e cauda cinza - claras barradas de negro. A fêmea e o imaturo são marrons - escuros estriados nas partes inferiores. Asas e cauda longas e estreitas. (SICK, 1997) Plana baixo com as asas levemente elevadas e as primárias separadas. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

*Buteo magnirostris* (Gmelin, 1788) - gavião - carijó (Fotos 15;16)

É o gavião de mais ampla distribuição no Rio Grande do Sul, sendo abundante em todo Estado. (BELTON, 1994). Ocorre em praticamente todos os ambientes, inclusive áreas fortemente urbanizadas, mas também é encontrado em capoeiras, campos com árvores esparsas e zonas agrícolas. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Dorso e cabeça marrom - escuros. Peito com listras verticais marrons e ventre e flancos barrados de branco sujos e canela. Dorso marrom - escuro com mancha ferrugínea nas extremidades das asas, visível em vôo. Ventralmente as asas são claras com finas barras marrons. Na cauda, nota - se a presença de faixas horizontais negras em um fundo marrom - escuro no dorso e creme no ventre. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.4. FALCONIDAE

Segundo Sick (1997), os Falconidae são aves de rapina com a forma mais aerodinâmica que se conhece. Possuem asas estreitas e pontudas, pouco adequadas para planar.

Sick (1997) ainda afirma que os falconídeos possuem uma fusão de algumas vértebras, firmando o tronco e possibilitando o amortecimento do choque no embate de

*Milvago chimango* (Vieillot, 1816) - chimango (Fotos 17;18)

Geralmente abundante na maior parte do Rio Grande do Sul. Ocupa campos abertos, zonas agrícolas e margens de florestas, mesmo tendo preferência em áreas abertas, pode ser encontrado em áreas protegidas. Pode aparecer em grandes números ao longo de praias de mar. (BELTON, 1994).

Totalmente pardas a cabeça e as partes inferiores possuem uma tonalidade mais clara. As coberteiras superiores da cauda são brancas. Associa-se em grandes bandos no chão, no crepúsculo. (SICK, 1997).

4.1.5. ANATIDAE

Família representada por marrecas, patos, cisnes e afins.

Comparando - se com regiões mais tropicais, o Brasil não possui muitos exemplares, sendo o Rio Grande do Sul, a zona com mais diversidade, apresentando 21 espécies. (SICK, 1997).

Segundo Sick, (1997), os anatídeos são dotados de um bico composto por uma mandíbula com lamélulas córneas e língua circundada por bordos córneos, formando um aparelho filtrador próprio para coar a água e a lama e assim conseguir o alimento. Além disso, possuem patas curtas. Estas características seriam ad

*Amazonetta brasiliensis* (Gmelin,1789) - marreca - pé - vermelho (Fotos 19;20)

Amplamente encontrada em quase todo Rio Grande do Sul, sendo uma residente abundante. Habita açudes, banhados e lagos com vegetação, geralmente é encontrada em pequenos lagos circundados por florestas (BELTON, 1994) em pequenos bandos ou casais (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

Machos e fêmeas são diferentes, nos machos observa-se uma faixa branca nas laterais da cabeça e o bico é vermelho, as fêmeas têm o bico azulado, a garganta esbranquiçada e duas manchas brancas próximas aos olhos. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001). As rêmiges internas possuem no ápice uma zona triangular branca que é facilmente vista em vôo, bem como o espelho alar azul metálico. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

Anas georgica (Gmelin, 1789) - marreca - parda (**Fotos 21;22**)

Residente em pequenos lagos, banhados, açudes e terrenos abertos do litoral, porção central, nordeste do Planalto e ao norte do Rio Grande do Sul. (BELTON, 1994).

Segundo Belton, (1994), grandes bandos são encontrados com frequência no meio do inverno, especialmente no extremo sul, porém, desaparecem no verão e outono.

Caracteriza-se pela plumagem marrom claro. Possui uma cauda pontiaguda, sendo a do macho mais curta. Garganta, pescoço e ventre quase brancos. O bico é amarelo, espelho alar com uma faixa negra entre duas faixas bege. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

4.1.6. RALLIDAE

Grupo cosmopolita muito peculiar, composto por Saracuras, Frangos D'Água e Carquejas. (SICK, 1997).

Variam muito em tamanho, podendo haver exemplares muito pequenos até aqueles com tamanho semelhante ao de uma galinha. Possuem pernas e dedos longos, adaptados à vida silvícola. (SICK, 1997).

São muito bem camuflados pela cor e padrão da plumagem, mas possuem bicos e patas de cores bem vivas que se perdem quando estão no período reprodutivo. Geralmente não há dimorfismo sexual, sendo apenas o macho maior que a fêmea e com o bico mais longo. (SICK, 1997).

Aramides cajanea (Muller, 1776) - três - potes (**Fotos 23;24**)

Residente ao sul, oeste e norte do Rio Grande do Sul em matas de galeria, matas próximas a banhados e áreas pantanosas (BELTON,1994), manguezais,margens de rios, lagos e igarapés, mata úmida e alta, também próximo a cidades. (SICK, 1997).

É a saracura mais conhecida no Brasil devido ao seu canto forte e popular que originou seu nome onomatopaico. Cantam frequentemente em dueto ou coro com indivíduos mais distantes. (SICK, 1997).

Possui cabeça e pescoço cinzentos, as partes inferiores são ferrugíneas bem como o interior das rêmiges (visível em vôo), o abdômen é preto. (SICK, 1997).

uma plumagem distinta, sendo o dorso pardo e o ventre branco e ainda possuindo uma linha ocular branca que se estende até a nuca. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Segundo Belton (1994) além de habitar locais com vegetação aquáticas flutuantes, a perambula por campos úmidos perto d'água. Este mesmo autor observou três indivíduos imaturos acompanhando um cavalo que estava pastando ao longo de um campo, capturando os insetos que o cavalo espantava.

Foram observados muitos exemplares de *Jacana jacana* na superfície do lago do Campus, nas primeiras observações acreditou-se que houvesse ninho, esta suspeita foi confirmada com a presença, dias depois de um indivíduo jovem.

4.1.8. CHARADRIIDAE

Os representantes desta família são aves aquáticas cosmopolitas. Com alimentação predominantemente animal costumam tremular os pés sobre a areia dos ambientes de águas rasas a fim de afugentar pequenos animais escondidos e desta forma alimentarem-se deles. (SICK, 1997).

*Vanellus chilensis* (Molina, 1782) - quero-quero (Fotos 27;28)

Residente em pastagens e áreas úmidas com capim baixo de todo Rio Grande do Sul, esta é uma das espécies “típicas” do Estado. É sempre encontrada em vôo ou Altamente territorial, realiza vôos rasantes fortes e diretos com ataques súbitos e velozes para assustar os intrusos que eventualmente aparecem em seu território. (BELTON, 1994). Possui na ponta de cada asa, escondido na plumagem, um esporão que fica bem evidente quando atacam. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Apresentam dorso cinza - pardo, uma extensa mancha negra ventral que se estende da frente até o peito, o ventre é branco. Nota-se um penacho negro na nuca, as patas são vermelhas assim como o bico, porém este possui a ponta preta. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.9. COLUMBIDAE

De acordo com Sick, (1997), os exemplares desta família provavelmente tiveram sua origem na região tropical do Velho Mundo, imigraram muito cedo para as Américas onde estão muito bem representados.

Caracterizam - se pela cabeça pequena e redonda, o corpo pesado e plumagem rica em pó que mantém a estrutura elástica da pena e a impermeabilidade do corpo, substituindo assim, a secreção da glândula uropigiana, que é ausente nos columbídeos. (SICK, 1997).

Possui o hálux bem desenvolvido, uma adaptação ao hábito arborícola. O pescoço destaca - se em algumas espécies por apresentar reflexos metálicos. (SICK, 1997).

*Columba livia* (Gmelin), 1789 - pombo - doméstico (**Fotos 29;30**)

Espécie introduzida no Rio Grande do Sul, que se tornou parcialmente silvestre. (BELTON, 1994). Porém, adaptou - se perfeitamente às grandes cidades, podendo ser encontrada em bandos numerosos praticamente em todos os grandes centros urbanos. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Em algumas cidades, esta espécie chega a ser considerada uma praga, representando um problema para a saúde - pública. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

Possuem diversas plumagens, inclusive brancas, porém, a mais comum é cinza - azulada, com brilho esverdeado ou azulado no pescoço e duas faixas pretas nas asas. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847) - pomba - de - bando (**Fotos 31;32**)

Encontrada em campos e terrenos abertos ou com matas esparsas, principalmente no sul e oeste do Rio Grande do Sul, embora seja provável que ocorra, esporadicamente em todos os lugares. (BELTON, 1994).

São pombas de porte médio com dorso pardo oliváceo e o ventre marrom, as asas são salpicadas de preto na sua base e existem duas faixas pretas na região auricular. Machos e fêmeas são iguais. (EFE, MOHR, BUGONI, 2001). Apresenta tarso rosado, bico preto. (BELTON, 1994).

*Columbina picui* (Temminck, 1810) - rolinha - picuí

Abundante o ano todo e em todas as regiões do Rio Grande do Sul, com exceção apenas do noroeste. Habitam áreas com vegetação baixa perto de fazendas, capoeiras, plantações de cereais e ao longo de estradas asfaltadas. (BELTON, 1994). Também é encontrada em campos com árvores esparsas e em algumas regiões das cidades. (SICK, 1997).

Cabeça e pescoço cinzentos, faixa alar longitudinal branca, contrastando com as rêmiges negras. Cauda um pouco larga, branca com retrizes centrais pretas, ventre branco rosado. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

Possuem bico negro e patas avermelhadas. A íris apresenta anéis nas colorações branca, azul e carmim, além de um conspícuo anel perioftálmico branco. Ocorre

(BELTON, 1994).

Ao contrário dos outros psittacídeos, que constroem ninhos em ocos de árvores, a caturrita é a única que constrói o seu ninho, feito de gravetos entrelaçados em árvores altas, geralmente eucaliptos. Ninhos conjugados, com câmaras incubatórias distintas, são muito comuns.(EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

O par freqüentemente permanece junto no ninho. Os ovos são arredondados, brancos e relativamente pequenos, sendo chocados pela fêmea, que é visitada e alimentada pelo macho na câmara incubadora. O período de incubação varia de 30-18 dias, dependendo da espécie. Os pais alimentam os filhotes regurgitando-lhes comida armazenada no papo. (SICK, 1997).

Segundo Belton (1994), as caturritas possuem face e testa cinza, tarso também cinza, com reticulações esbranquiçadas, bico marrom avermelhado claro a branco amarronzado e íris marrom acinzentada.

No Campus da UFPel, foram vistos bandos de aproximadamente 20 indivíduos sobrevoando o lago, dirigindo-se para as matas de eucalipto que se localizam nos limites da área de estudo e uma vez um indivíduo foi observado alimentando-se em uma árvore em frente ao prédio da reitoria do Campus.

4.1.11. CUCULIDAE

Segundo Sick (1997), acredita-se que os cuculídeos tiveram sua origem em regiões tropicais do Velho Mundo e emigraram muito cedo para o Hemisfério ocidental.

Possuem corpo franzino com uma cauda extremamente comprida. O bico é forte e curvo, pé zigodáctilo (dois dedos anteriores e dois posteriores) e a pele do corpo negra. (SICK, 1997).

Costumam apanhar sol e banhar-se na poeira. Os cuculídeos são muito sensíveis à umidade, quando chove muito as penas ficam encharcadas, então pela manhã após chuvas pousam de asas abertas para enxugar-se. (SICK, 1997).

Algumas espécies são parasitas, utilizando o ninho de outras aves para por seus ovos. Machos e fêmeas são semelhantes. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

*Piaya cayana* (Linnaeus, 1766) - alma-de-gato (Fotos 35;36)

É encontrado na maior parte do Rio Grande do Sul (BELTON, 1994) em florestas, bordas de matas, bosques e até mesmo em áreas urbanas, aos pares ou sozinhos saltando entre os ramos das copas de árvores. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Dorso e cabeça vermelho - ferrugem, pescoço e porção superior do peito ferrugíneo-claro e ventre cinza. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Longa cauda, ventralmente as retrizes são negras de ápice branco. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

Possui bico verde-claro, íris vermelha, tarso cinza. (BELTON, 1994).

dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.12. TROCHILIDAE

Esta família inclui os beija-flores, é uma das maiores família de aves, congregando, nas três Américas o total de mais de 320 espécies. (SICK, 1997).

Sick,1997, afirma que os beija-flores preferem temperaturas amenas, isso explica o número reduzido de espécies no Brasil (menos de 80).

Hylocharis chrysura (Swaw, 1812) - beija-flor-dourado

Segundo Belton,1994, esta é uma espécie residente comum e abundante de capoeiras, beiras de florestas, cercas-vivas e espinilhos. Ocorrem na ponta lesta de depressão central, litoral com exceção da ponta norte, ao longo do sul e oeste, com raras

Seu tamanho é de 10 cm, em média. Apresenta uma plumagem dourado-acobreada com reflexos esverdeados. A cauda tem coloração cobre. O bico é vermelho com a ponta preta. Não há dimorfismo sexual. Sob baixa luminosidade, esta espécie assume um tom mais escuro e uniforme. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Leucochloris albicollis (Vieillot, 1818) - beija-flor-de-papo-branco

Espécie comum no nordeste do Rio Grande do Sul, também existe registros no sul, litoral e oeste do Estado. (BELTON, 1994).

São comumente vistos se alimentando em bebedouros colocados pelos moradores de algumas cidades. (BELTON, 1994).

Possui o dorso e uma faixa peitoral de um verde brilhante, a garganta e o ventre são brancos, bem como o ápice das retrizes. O bico é preto com a mandíbula vermelha com a ponta preta. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

4.1.13. ALCEDINIDAE

A maioria das espécies desta família ocorre em zonas tropicais e subtropicais do Novo Mundo. No Brasil são chamados de “martim-pescadores” ou “flexa-peixe”. (SICK, 1997).

Todos os martins-pescadores são mais abundantes nas partes sul e central do Rio Grande do Sul, onde são comuns águas com grande diversidade de fauna. (BELTON & DUNNING, 2004)

Variam no tamanho, porém sua aparência é semelhante, todos possuem bico proporcionalmente muito grande, para desenvolver a atividade de pesca, com uma língua curta. Movimentam as asas sob a água, remando ou utilizando-as como leme. Pés pequenos, com sindactilia avançada (os três dedos anteriores unidos basalmente) e não adaptados ao nado.

A plumagem é lisa e bem justa ao corpo em adaptação à vida aqua dimorfismo sexual já se apresenta nos filhotes quando abandonam o ninho. (SICK, 1997).

Choloroceryle amazona (Latham, 1790) - martim-pescador-verde (**Fotos 41;42**)

Encontrado na porção central, litoral, oeste e metade sul do Rio Grande do Sul. Habita riachos, banhados, canais de drenagem, lagos e açudes. (BELTON, 1994). Vive solitário ou em casais. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

Possuem o bico pontiaguado, dorso e cabeça verde metálico, ventre branco com estriações verdes nos flancos, o pescoço possui um colar branco que se inicia na base do bico. Frequentemente têm as penas nucais eriçadas. Os machos possuem uma mancha amarronzada no peito, o que os diferencia das fêmeas (EFE, MOHR & BUGONI, 2001), que possuem um semicolar verde cobrindo parcialmente o peito branco (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

4.1.14. PICIDAE

Família muito abundante no neotrópico, onde estão inseridos os pica-paus. (SICK, 1997). Possuem um bico muito forte com o qual “martelam” os troncos das árvores. Para do crânio e da musculatura, a fim de proteger o cérebro contra as trepidações. (SICK, 1997). Apresentam uma língua vermiforme extremamente longa, quase cinco vezes maior que o bico com uma ponta que possui adaptações especiais para SICK, 1997). Outra adaptação é a presença de uma glândula mandibular (glândula picorum), que produz uma secreção semelhante a uma cola e dá à língua capacidade preensora. (SICK, 1997).

Colaptes melanochloros (Gmelin, 1788) - pica-pau-verde-barrado (**Fotos 43;44**)

Bem distribuído em todo Rio Grande do Sul, exceto em algumas áreas do oeste central, onde não há registro. Habita campos com árvores esparsas, beiras de matas e espinheiros (BELTON, 1994), sendo essencialmente arborícola. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Possui o dorso negro finamente barrado de creme, o ventre é cinza esbranquiçado com manchas negras. Possui a nuca vermelha, contrastando com a coroa preta. O bico é negro e as patas cinza. O que difere os sexos é uma linha malar que no macho é vermelha e na fêmea é preta. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Colaptes campestris* (Vieillot, 1818) - pica-pau-do-campo (Fotos 45;46)

É uma das espécies mais abundantes e bem distribuídas do Rio Grande do Sul, é encontrada em campos, beiras de matas, cercas e postes, em todo Estado, menos no extremo oeste. (BELTON, 1994).

Esta espécie passa muito tempo no solo, ao contrário dos demais pica - paus, que nunca descem ao chão ou o fazem com pouca frequência. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Possui peito e pescoço amarelos, dorso e ventre são barrados de branco e preto e a coroa é preta. Os machos têm uma mancha malar avermelhada, nas fêmeas esta mancha é preta. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.15. FURNARIIDAE

Alguns dos representantes são joão-de-barro (*Furnarius rufus*), joão-teneném (*Synallaxis rutilans*) entre outros. (SICK, 1997).

Esta é uma família exclusivamente neotropical, vai do México à Terra do Fogo. Os -se pela região campestre da América do Sul meridional e nos Andes, em climas amenos ou frios. O Rio Grande do Sul é o estado mais rico em furnarídeos, possuindo 40 espécies, devido à influência patagônica-andina. (SICK, 1997).

Os membros desta família têm em comum a cor ferruginosa da plumagem, que se concentra principalmente na cauda e na ponta das rêmiges. (SICK, 1997).

*Furnarius rufus* (Gmlin,1788)b - joão-de-barro (Fotos 47;48)

Uma das espécies mais abundantes e amplamente distribuídas do estado. (BELTON, 1994). Habitante de campo, abundante nas fazendas sulinas, parques e até nas cidades procurando mesmo a vizinhança urbana, atravessa pátios e ruas andando e correndo.

negras, bem como a ponta do bico, a maxila é marrom escura e a mandíbula esbranquiçada ou rosada. Macho e fêmea são iguais, distinguindo-se apenas pelo fato de a fêmea permanecer à noite no ninho incubando os ovos e cuidando dos filhotes. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.16. TYRANNIDAE

Maior família de aves do Hemisfério Ocidental, ao qual é confinada. Constitui um dos grupos de aves mais diversificados do mundo, sendo que no Brasil são as aves mais vistas e ouvidas. (SICK, 1997).

Segundo Sick (1997), um tiranídeo pode ser caracterizado, em geral, como “um passarinho verde-oliváceo de bico achatado, adunco e cerrado de proeminentes cerdas”. Porém, o autor também afirma que existem muitos exemplares “atípicos”, comprovando, mais uma vez, a heterogeneidade desta família. Tal heterogeneidade além de estar presente nos aspectos morfológicos, também se manifesta nas vocalizações, que vão desde gritos estridentes e roucos, vozes baixas chiadas até assobios melódiosos. (SICK, 1997).

*Serpophaga subcristata* (Vieillot, 1817) - alegrinho

Espécie comum em todo Rio Grande do Sul durante o ano todo. Habita capoeiras, arbustos altos, moitas de vegetação, cercas - vivas, jardins e lugares relativamente abertos (BELTON, 1994). Também pode ser visto ao longo das estradas e é de fácil visualização. (BELTON & DUNNING, 2004).

É caracterizado por ter atividade constante, “borboleteando” entre a vegetação baixa, freqüentemente mostrando o píleo e tremendo a cauda vigorosamente enquanto canta. (BELTON, 1994).

As partes superiores são cinza-oliváceas, o peito é cinza e o ventre amarelo, nota-se uma faixa ocular branca. (BELTON & DUNNING, 2004). Apresenta um topete com penas brancas que são escondidas pelas demais, mas que freqüentemente são reveladas, principalmente durante disputas territoriais. (HÖFLING & CAMARGO, 2002).

*Phylloscartes ventralis* (Temmick, 1822) - borboletinha-do-mato

Habitante do estrato médio e superior de florestas e matas ao longo do Rio Grande do Sul. Não há registros para algumas áreas do oeste, extremo Mostardas. (BELTON, 1994).

São bastante ativos e alertas. (BELTON & DUNNING, 2004). São encontrados solitários ou aos pares, “borboleteando” entre a vegetação e quando parados, fazem movimentos rápidos e verticais com a cauda. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Possuem dorso oliváceo, peito e ventre amarelo pálido e as asas apresentam barras amarelas. O bico é preto e as patas são cinzentas. (BELTON & DUNNING, 2004). Cauda relativamente longa. Na cabeça existe uma faixa superciliar amarelo-esbranquiçada. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Pyrocephalus rubinus* (Boddaert, 1783) - príncipe (Fotos 49;50)

Espécie migratória de verão, residente na metade sul, litoral e extremo oeste do Rio Grande do Sul, a maioria desaparece em abril. Durante o inverno, as populações do sul do Brasil migram para o norte. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004). São vistos em áreas abertas com árvores esparsas, jardins, campos e capoeiras. (BELTON, 1994). Normalmente vivem aos pares (BELTON, 1994), o acentuado dimorfismo sexual facilita a identificação.

No período reprodutivo, o macho apresenta cabeça e ventre vermelhos (BELTON, 1994) a partir da nuca até a cauda possui uma plumagem que varia do marrom ao preto, bem como uma máscara preta que se estende da base até a nuca. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001). A fêmea possui dorso cinzento e ventre claro com estrias verticais em

marrom e as coberteiras inferiores da cauda de cor rósea-alaranjada. (BELTON & DUNNING, 2004).

*Xolmis irupero* (Vieillot, 1823) - noivinha (Fotos 51;52)

Residente muito comum de terrenos abertos com ou sem árvores esparsas, pastagens e plantações, no sul e oeste do Rio Grande do Sul. (BELTON, 1994). É encontrada geralmente pousada em ramos, postes ou cercas, solitárias ou aos pares. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Plumagem toda branca, com as rêmiges primárias e o ápice caudal pretos. (NAROSKY & YZURIETA, 2003). Bico e patas negros. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Knipolegus cyanirostris* (Vieillot, 1818) - maria-preta-de-bico-azulado (Fotos 53;54)

Espécie amplamente distribuída no Rio Grande do Sul, porém, esta distribuição é irregular, não havendo registros para grande parte do centroeste e noroeste do Estado. (BELTON, 1994). Habita o estrato médio das florestas abertas e sombrias, mas pode mudar de ambiente dependendo de suas necessidades. (BELTON, 1994). Por ser silencioso, não é visto facilmente. (BELTON & DUNNING, 2004). Belton (1994) observou indivíduos em galhos mortos de araucária, em roças abandonadas e entre arbustos baixos de banhado.

O macho caracteriza-se por possuir o corpo todo preto, olhos vermelhos e bico azul-acinzentado. (BELTON & DUNNING, 2004). Fêmea e imaturos são marrons com boné e uropígio ferrugíneos (BELTON, 1994) e ventre esbranquiçado com fortes estrias pretas. (BELTON & DUNNING, 2004).

*Satrapa icterophrys* (Vieillot, 1818) - suiriiri-pequeno (Fotos 55;56)

Não é uma espécie muito abundante no Rio Grande do Sul, encontrado no sul, na costa nordeste e no planalto nordeste. Não existem registros para o norte. (BELTON, 1994).

Apesar de ser considerada uma espécie de mata ou de floresta, no Rio Grande do Sul, Belton (1994) observou exemplares em locais abertos, próximos de banhados ou em outras áreas com água e até mesmo no chão no meio de uma estrada.

Caracteriza-se por apresentar dorso oliváceo, ventre amarelo além de possuir uma sobrançelha amarela que vai do bico à nuca. (BELTON & DUNNING, 2004).

*Machetornis rixosus* (Vieillot, 1819) - suiriri-cavaleiro (Fotos 57;58)

Habita terrenos abertos e está presente em todo Rio Grande do Sul. É visto temente acompanhando o gado para capturar presas que eles espantam quando pastam. Passa boa parte do tempo correndo no chão. (BELTON, 1994).

Possui dorso marrom-claro garganta esbranquiçada e ventre amarelo. Como a maioria dos membros da família, possui uma mancha vermelha ou alaranjada oculta no píleo, que raramente é exposta. Bicos e patas negros e íris vermelha. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) - bem-te-vi (Fotos 59;60)

Esta espécie é um residente abundante em todo Rio Grande do Sul (BELTON, 1994), porém sabe-se que desaparecem das maiores altitudes do planalto no inverno. (BELTON & DUNNING, 2004). Está entre as mais freqüentes do Campus da UFPel. É encontrado em quase todos os habitats, incluindo praias de mar, jardins em cidades, clareiras em florestas e plantações de eucalipto, mas é mais comum perto de áreas abertas e úmidas. (BELTON, 1994).

A cabeça, especialmente grande (BELTON & DUNNING, 2004), é preta circundada por uma faixa branca acima dos olhos, a região dors garganta é branca e a região ventral é amarela. Machos e fêmeas têm o mesmo padrão de penas. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Tyrannus savana* Vieillot, 1808 - tesourinha (Fotos 61;62)

Espécie residente de verão chega ao Rio Grande do Sul nos últimos dez dias de setembro (BELTON, 1994), para reprodução e deixa o estado em março. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

o consideradas as mais graciosas voadoras de todas as aves. Pousam a vontade em fios, antenas de televisão e galhos. (SICK, 1997).

As andorinhas possuem pescoço e bico curtos, o último largo e chato, adaptado à captura de insetos em vôo. As pernas são curtas e os dedos fortes, próprios para se segurar no poleiro. Não há dimorfismo sexual. (SICK, 1997).

Sua voz é chilreada ou gorjeada, espécies aparentadas possuem vocalização parecida e às vezes cantam no ninho, durante a noite. (SICK, 1997).

*Progne tapera* (Linnaeus, 1766) - andorinha-do-campo

Vivem em áreas abertas, sendo muito comuns no campo. São muito observadas pousadas em fios, galhos e cercas (EFE, MOHR & BUGONI, 2001), na maior parte do Rio Grande do Sul. (BELTON, 1994).

São migratórias de verão, chegando no início da primavera para reproduzir e deixam o estado em março. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001). Parasitam ninhos abandonados de -de-barro (*Furnarius rufus*). (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

Dorso pardo, ventre branco com um colar pardo que se prolonga salpicado para o centro do peito. (NAROSKY & YZURIETA, 2003). Possuem tarso e bico pretos. (BELTON, 1994).

4.1.18. TROGLODYTIDAE

Família restrita às Américas, que inclui Corruíras, Cambaxirra, Uirapurus e Japacanim. (SICK, 1997).

Uma das características especiais desta família é a vocalização, muito variada e de alta qualidade, não há dois indivíduos com a mesma voz. (SICK, 1997).

De índole inquieta, locomovem-se às vezes no solo pulando através dos ramos e folhas da vegetação. (SICK, 1997).

*Troglodytes musculus* (Naumann, 1823) - corruíra

Uma das aves mais populares do Brasil. (SICK, 1997).

Comum em capoeiras, beiras de matas, margens de banhados, jardins e capões em todo Rio Grande do Sul. (BELTON, 1994).

Em geral são pardas, com asas e cauda marrom escuro assim como a região dorsal. O ventre é esbranquiçado com os flancos amarronzados. Apresentam anel, perioftálmico branco e bico cinzento sendo a mandíbula mais clara. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.19. MUSCICAPIDAE - (SUBFAMÍLIA TURDINAE)

Grupo cosmopolita, de origem oriental, porém estabelecido na região Neotrópica principalmente nas zonas montanhosas, representado pelos Sabiás. (SICK, 1997).

Não diferem muito em tamanho e peso, o que possibilita uma boa identificação. A diferenciação é o colorido do bico e das patas. (SICK, 1997).

O padrão da plumagem manchado dos imaturos é semelhante na maioria das espécies, com a finalidade de proteger - los dos indivíduos adultos, que não os reconhecem como seus iguais. (SICK, 1997).

A voz é múltipla, algumas espécies realizam chamados, que muitas vezes facilitam a identificação. Existe ainda um assobio fino usado com alarme. (SICK, 1997).

A maioria dos sabiás tem o hábito de pular e correr no solo, virar folhas e furar a terra com o bico. (SICK, 1997).

*Turdus rufiventris* (Vieillot, 1818) - sabiá-laranjeira (Foto 63;64)

Abundante em todo Rio Grande do Sul nos estratos médios das florestas, matas abertas, capoeiras, cercas-vivas e no chão de jardins. (BELTON, 1994).

De acordo com Belton (1994), é tímido e foge quando uma pessoa se aproxima. Em florestas, responde a algum chamado, mas mantém uma distância considerável e fica imóvel diante de uma aproximação.

Possui bico amarelo, dorso, cabeça e cauda cinzentas, garganta esbranquiçada listrada de marrom escuro e ventre alaranjado, a última característica o difere dos demais sabiás. Machos e fêmeas são iguais. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Turdus amaurochalinus* (Cabans, 1850) - sabiá-poca (Fotos 65;66)

Encontrado durante o ano inteiro em todas as regiões do Rio Grande do Sul, habitando florestas, jardins, campinas e áreas abertas próximas a vegetações, onde possa se esconder. (BELTON, 1994).

Quando pousado, tem o hábito de sacudir intensamente a cauda em movimentos verticais. (HÖFLING & CAMARGO, 2002).

Cabeça e dorso pardo-oliváceos, ventre branco-sujo e a garganta estriada de pardo. Entre a garganta e o peito observa-se uma área esbranquiçada ou amarelada. Mancha escura mal definida entre os olhos e o bico, que geralmente é cinza, mas assume uma coloração amarela no período reprodutivo. As patas são cinzas. Não há dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.20. EMBERIZIDAE

Oriundos do Velho Mundo, distribuindo - se da Groelândia à Terra do Fogo. (SICK, 1997). Grande variedade de tamanho e peso, geralmente possuem cauda longa e um corpo pequeno. (SICK, 1997).

Existem muitas discussões sobre a divisão taxonômica dos Emberizidae quanto à famílias e subfamílias. A classificação utilizada neste trabalho está de acordo com Bencke (2001).

*Zonotrichia capensis* (Muller, 1776) - tico-tico (Fotos 67;68)

Esta é considerada a ave mais amplamente distribuída no Rio Grande do Sul, pois está presente em todas as regiões do Estado em qualquer época do ano, além de adaptar-se a qualquer tipo de ambiente. É encontrado desde matas fechadas, ao longo da costa, em morros até em jardins nas cidades. (BELTON & DUNNING, 2004).

Dorso pardo, assim como as asas que possuem duas faixas brancas nas coberteiras. Ventre esbranquiçado com flancos pardos. Cabeça cinza com faixas pretas apresenta um semitopete estriado. A garganta é branca e possui um colar ferrugíneo. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766) - canário-da-terra-verdadeiro

Abundante e comum durante o ano todo em todas as regiões do Rio Grande do Sul. Ocupa áreas de capoeiras abertas, beiras de estradas, gramados de jardins, cercas-vivas. (BELTON, 1994).

Vive e casais ou em bandos e desce ao chão com frequência para procurar alimento. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

Esta espécie possui dimorfismo sexual. Os machos têm o corpo amarelo com dorso e asas estriados de negro. No período reprodutivo apresentam um colorido alaranjado no topo da cabeça. A fêmea possui dorso pardo, peito marrom claro, ambos listrados de marrom escuro e ventre branco. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Embernagra platensis* (Gmelin, 1789) - sabiá-do-banhado (Fotos 69;70)

Apesar de preferir campos abertos, especialmente área baixa, pode ser visto frequentemente ao longo de estradas e pousado em postes de cercas. (BELTON & DUNNING, 2004).

Apresenta dorso verde-oliváceo com riscos marrons nas asas. O peito é cinza e a face cinza escura. Sua característica mais marcante é bico alaranjado nos lados e na mandíbula e com o cúlmem preto. (BELTON & DUNNING, 2004).

*Coryphospingus cucullatus* (Muller, 1776) - tico-tico-rei

Espécie bem distribuída no Rio Grande do Sul, sendo pouco comum no Planalto do nordeste e mais ao sul do Estado. Habita áreas arbustivas e macegas perto de margens de matas, onde se oculta nas moitas espessas. (BELTON & DUNNING, 2004).

Apresenta uma plumagem marrom no dorso, uropígio e ventre vermelhos. Possui anel periocular branco. Os sexos são diferenciados pelo topete vermelho do macho e pela plumagem mais pálida da fêmea. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

*Paroaria coronata* (Muller, 1776) - cardeal

Residente comum e abundante no sul e oeste do Rio Grande do Sul em terrenos abertos com árvores, arbustos e beiras de banhados. Forma bandos de até 25 indivíduos, incluindo jovens e adultos. (BELTON, 1994).

Esta espécie é muito fácil de ser identificada e inconfundível, devido às suas características marcantes. Possui um conjunto formado pela cabeça e por um “babador” além de um topete que pode estar eriçado ou não, de um vermelho vivo nos indivíduos adultos. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Nos jovens a cabeça é laranja - amarronzada. O dorso possui penas cinza chumbo e o ventre, assim como o pescoço, são brancos. (BELTON & DUNNING, 2004). O bico possui a mandíbula clara e a maxila escura e as patas são cinza. Não há dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

SUBFAMÍLIA CARDINALINAE

*Cyanocompsa brissonii* (Lichtenstein, 1823) - azulão-verdadeiro

Ocorre na parte norte e também nos morros do sul do Rio Grande do Sul, não é encontrado nas áreas mais altas do nordeste do Estado. Vive em florestas, matas abertas e capoeiras. (BELTON, 1994).

Machos adultos possuem a plumagem azul escura com manchas azul celeste na face e na dobra da asa. Fêmeas e jovens têm o dorso marrom e ventre canela. Ambos os sexos apresentam um bico negro muito grosso e forte. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

SUBFAMÍLIA THRAUPINAE

São aves neotropicais que se destacam pela beleza e colorido de suas plumagens, constituídas por cores brilhantes com reflexos metálicos ou opalescentes. (SICK, 1997).

Em algumas espécies os sexos são semelhantes, porém em outras as fêmeas possuem um colorido mais modesto que os machos. (SICK, 1997).

Alimentam-se de frutinhas de árvores, arbustos, epífitas e cipós, ou ainda de pedaços de frutos maiores, folhas, botões e néctar de flores. Estão entre as aves mais aptas na dispersão de sementes de plantas ornitocóricas. (SICK, 1997)

*Thraupis sayaca* (Linnaeus, 1788) - sanhaçu-cinzento (Fotos 71;72)

Presente em todas as estações, sendo escasso no inverno, em quase todos os setores do Rio Grande do Sul. Pousa em lugares altos de diferentes ambientes, como florestas, jardins, matas abertas, plantações de eucaliptos. (BELTON, 1994).

Possuem o corpo cinza-azulado com asas e cauda esverdeadas, o peito e o ventre são de tons mais claros. O brilho da plumagem varia de acordo com a incidência de luz solar, em dias nublados ou na sombra parecem mais cinzentos e quando estão no sol ficam mais azulados. As patas e o bico são escuros e não há dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Euphonia chlorotica* (Linnaeus, 1766) - fim-fim

Uma das espécies mais comuns do gênero, vive solitária ou em casais no alto das árvores, sendo de fácil observação nas regiões mais secas no interior do Brasil e pode ser facilmente reconhecida pela vocalização. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

Encontrado em todas as regiões do Rio Grande do Sul, exceto ao longo da fronteira com o Uruguai. (BELTON & DUNNING, 2004). Residente na copa de florestas e áreas com matas. (BELTON, 1994).

Plumagem de cor amarela na região ventral e também na fronte. Dorso, cabeça e garganta negros - violáceos, esta coloração não está presente na plumagem da fêmea. Parte ventral da cauda com algumas zonas brancas. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

SUBFAMÍLIA COEREBINAE

Coereba flaveola (Linnaeus, 1758) - cambacica

De acordo com Belton (1994), esta espécie é residente desde a fronteira com Santa Catarina, oeste, sul do Planalto e noroeste do Rio Grande do Sul. Vista em beiras de florestas, jardins e matagais com vegetação exuberante, porém o mesmo autor observou exemplares em vegetações esparsas e espinhentas com acácias, ao longo de uma estrada e pastagens de gado.

Visita assiduamente bebedouros de beija-flores. Adapta-se bem à presença humana, tornando-se mansa e permitindo a aproximação de pessoas. Realiza manobras acrobáticas na procura por alimento, pendurando-se de ponta-cabeça. (DEVELEY & ENDRIGO, 2004).

Espécie com região dorsal escura, ventre amarelo, faixa superciliar branca que vai da base do bico até a nuca, na garganta nota-se uma grande mancha acinzentada que se estende até a altura do peito. Bico negro, fino e voltado para baixo marrom. Machos e fêmeas têm plumagens idênticas, porém o macho é um pouco maior. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.21. PARULIDAE

São pássaros silvestres pouco populares, com colorido predominando em verde e ausência algum desenho marcante na cabeça. (SICK, 1997).

Assim como outras espécies insetívoras, possuem bico fino, forte, às vezes largo e com cerdas. Em alguns casos, a cauda é longa e permanece em movimento mesmo quando o animal está parado, bem como nos rituais de corte. (SICK, 1997).

As espécies brasileiras cantam durante o ano todo, nas horas mais quentes do dia e possuem uma voz suave de melodias rítmicas. (SICK, 1997).

Parula pitiayumi (Vieillot, 1817) - mariquita

Encontrada no alto das árvores de florestas, parques e jardins sozinhos ou aos pares e formando bandos mistos no outono e inverno. (BELTON, 1994).

A observação é difícil, pois esta ave é extremamente ativa e raramente fica parada, por isso, uma das formas de identificação é através do canto, um trinado agudo extremamente alto. (BELTON & DUNNING, 2004).

Apresenta o dorso azul com uma mancha olivácea nas costas e ventre amarelo, além de uma mancha negra ao redor dos olhos. As asas possuem duas faixas brancas. Patas marrons ou cinzentas, bico com maxila preta e mandíbula amarela. Não há dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Geothlypis aequinoctialis* (Gmelin, 1789) - pia-cobra (Fotos 73;74)

Espécie residente em todo Rio Grande do Sul em arbustos e emaranhado de plantas raras, margens de banhados, riachos e pântanos. (BELTON, 1994).

Caracteriza - se pelo seu canto alto e atrativo, que serve como uma ferramenta para identificação, já que é uma ave bastante inquieta e de difícil visualização. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

Topo da cabeça cinzento e máscara negra que se estende da frente a região auricular. Esta característica é ausente nas fêmeas. Em ambos os sexos o dorso é oliváceo e o ventre amarelo vivo. Possuem uma cauda longa e larga, patas rosadas e bico formado por maxila negra e mandíbula esbranquiçada. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Basileuterus culicivorus* (Deppe, 1830) - pula-pula

Encontrado em todas as regiões do Rio Grande do Sul, com exceção da ponta oeste. Reside geralmente no estrato médio de florestas ou capões. (BELTON, 1994).

Ave pequena de dorso pardo oliváceo e ventre amarelo, face acinzentada com uma faixa branca sobre os olhos, as patas são avermelhadas e o bico é marrom ou anegrado na maxila e a mandíbula é cinza. Não há dimorfismo. Habitam o interior das matas e sua principal característica é a inquietação. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.22. ICTERIDAE

De origem norte - americana, são aves exclusivas do Novo Mundo que se distribuem desde o ártico à Terra do Fogo. (SICK, 1997).

(SICK, 1997).

*Agelaius ruficapillus* (Vieillot, 1819) - garibaldi (Fotos 75;76)

Residente abundante em banhados com juncos e em arrozais em todo litoral, no oeste e sudeste do Rio Grande do Sul. (BELTON, 1994).

Quando os arrozais estão maduros, se junta em bandos de milhares de indivíduos nas plantações de arroz. No final da tarde, voa para os banhados vizinhos em bandos menores. (BELTON, 1994).

O macho é preto e possui um boné e um bafeiro ferrugíneos e a fêmea tem o dorso anegrado estriado. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

*Amblyramphus holosericeus* (Scopoli, 1786) - cardeal-do-banhado (Fotos 77;78)

Residente incomum de banhados com juncos e outras vegetações altas ao longo do litoral e em pontos espalhados no interior. Raramente são vistos mais de um par ou família

Corpo preto, possui um capuz de coloração laranja-avermelhado que vai até o peito. As pernas também são de um alaranjado vivo. Bico largo e pontudo. (NAROSKY & YZURIETA, 2003).

*Oreopsar badius* (Vieillot, 1819) - asa-de-telha

Encontrado ao sul, oeste, e litoral do Rio Grande do Sul até a fronteira com Santa Catarina. Residente em terrenos abertos ou com capoeiras, árvores ou arbustos. (BELTON, 1994)

Freqüentemente vivem e cantam em grupo. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001). Esta espécie mede 17 cm e apresenta coloração pardo-acinzentada, as rêmiges são cor de canela, o bico e as patas são pretos. Não há dimorfismo sexual. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

*Molothrus bonariensis* (Gmelin, 1789) - vira-bosta

Abundante em todo Rio Grande do Sul em campos, pastagens, terreiros e até jardins de cidades. (BELTON, 1994).

Tem duas peculiaridades: associação com gado em busca de alimento e parasitismo nos ninhos de outros pássaros. (BELTON & DUNNING, 2004).

Macho negro com reflexos azulados, que quase não são notados quando a ave está na sombra. A fêmea é parda. Patas e bico são negros. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

4.1.23. PASSERIDAE

Família originária do Velho mundo, introduzida no Brasil e representada pelos pardais. (SICK, 1997).

Os membros desta família possuem bico forte e cônico, especializado em esmagar sementes. Os pardais também se alimentam de insetos, sendo caracterizados como

A voz é pouco desenvolvida, assim como os rituais pré-nupciais. Há pouca rivalidade entre os machos, pois não estabelecem um território ao longo do ninho, defendem apenas o ninho. (SICK, 1997).

Possuem tarsos e dedos curtos, pulam sobre os galhos das árvores e no solo. (SICK, 1997).

*Passer domesticus* (Linnaeus, 1758) - pardal (Foto 79)

Espécie residente na maioria das regiões do Rio Grande do Sul. Em cidades, municípios, pequenas vilas rurais. Ocasionalmente é encontrada a alguma distância de . (BELTON, 1994).

O macho tem o alto da cabeça cinza e uma máscara marrom que vai do bico à parte de trás do pescoço, além de um babador preto. O dorso e as asas são de coloração castanha e canela com riscos negros e as últimas ainda apresentam uma faixa b

-ocular e região ventral esbranquiçada. Em ambos os sexos as patas são marrons. (EFE, MOHR & BUGONI, 2001).

5. RESULTADOS

5.1. Lista das espécies observadas no período de julho de 2004 a maio de 2005

- **Visita 1:** 27/07/04, 14:00 - 14:45

Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos

Furnarius rufus (joão-de-barro) - um indivíduo

Basileuterus culicivorus (pula-pula) - um indivíduo

Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - um indivíduo

Amazonetta brasiliensis (marreca-pé-vermelho) - dois indivíduos

Rostrhamus sociabilis (gavião caramujeiro) - um indivíduo

Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos

Colaptes campestris (pica-pau-do-campo) - um indivíduo

Hylocharis chrysura (beija-flor-dourado) - um indivíduo

Anas georgica (marreca-parda) - dois indivíduos

- **Visita 2:** 27/07/04, 8:30 - 9:40

Basileuterus culicivorus (pula-pula) - um indivíduo

Hylocharis chrysura (beija-flor-dourado) - um indivíduo

Furnarius rufus (joão-de-barro) - dois indivíduos

Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - um indivíduo

Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos

Troglodytes musculus (corruíra) - um indivíduo
Sicalis flaveola (canário-da-terra) - um indivíduo
Parula pitiayumi (mariquita) - dois indivíduos
Vanellus chilensis (quero-quero) - um indivíduo
Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos
Zenaida auriculata (pomba-de-bando) - um indivíduo
Phylloscartes ventralis (borboletinha-do-mato) - dois indivíduos
Anas georgica (marreca-parda) - sete indivíduos

- **Visita 3:** 29/07/04, 8:15 - 10:00

Zonotrichia capensis (tico-tico) - dois indivíduos
Coryphospingus cucullatus (tico-tico-rei) - dois indivíduos
Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) - um indivíduo
Furnarius rufus (joão-de-barro) - um indivíduo
Vanellus chilensis (quero-quero) - quatro indivíduos
Hylocharis chrysura (beija-flor-dourado) - três indivíduos
Parula pitiayumi (mariquita) - cinco indivíduos
Amazonetta brasiliensis (marreca-pé-vermelho) - dois indivíduos
Zenaida auriculata (pomba-de-bando) - um indivíduo
Troglodytes musculus (corruíra) - dois indivíduos (um jovem)
Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - dois indivíduos
Casmerodius albus (garça-branca-grande) - um indivíduo
Colaptes campestris (pica-pau-do-campo) - dois indivíduos
Paroaria coronata (cardeal) - dois indivíduos
Coereba flaveola (cambacica) - um indivíduo
Serpophaga subcristata (alegrinho) - um indivíduo
Knipolegus cyanirostris (maria-preta-de-bico-azulado) - dois indivíduos
Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos
Choloroceryle amazona (martim-pescador-verde) - um indivíduo
Cyanocompsa brissonii (azulão-verdadeiro) - um indivíduo

Oreopsar badius (asa-de-telha) - inúmeros indivíduos

Anas georgica (marreca-parda) - dois indivíduos

- **Visita 4:** 05/08/04, 9:30 - 10:30

Casmerodius albus (garça-branca-grande) - três indivíduos

Vanellus chilensis (quero-quero) - dois indivíduos

Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos (um jovem)

Parula pitiayumi (mariquita) - um indivíduo

Crotophaga ani (anu-preto) - inúmeros indivíduos

Satrapa icterophrys (suiriri-pequeno) - um indivíduo

Coereba flaveola (cambacica) - dois indivíduos

Furnarius rufus (joão-de-barro) - um indivíduo

Choloroceryle amazona (martim-pescador-verde) - um indivíduo

Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - um indivíduo

Colaptes melanochloros (pica-pau-verde-barrado) - um indivíduo

Anas georgica (marreca-parda) - sete indivíduos

- **Visita 5:** 21/09/04, 17:00 - 17:30

Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) - um indivíduo

Furnarius rufus (joão-de-barro) - seis indivíduos

Vanellus chilensis (quero-quero) - dois indivíduos

- **Visita 6:** 23/09/04, 8:30 - 9:15

Amazonetta brasiliensis (marreca-pé-vermelho) - inúmeros indivíduos

Anas georgica (marreca-parda) - inúmeros indivíduos

Colaptes melanochlorus (pica-pau-verde-barrado) - um indivíduo

Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - dois indivíduos

Zenaida auriculta (pomba-de-bando) - um indivíduo

Passer domesticus (pardal) - dois indivíduos machos
Pyrocephalus rubinus (príncipe) - um indivíduo macho
Guira guira (anu branco) - inúmeros indivíduos
Agelaius ruficapillus (garibaldi) - um indivíduo

• **Visita 7:** 05/10/04, 9:15 - 11:00

Progne tapera (andorinha-do-campo) - quatro indivíduos
Amblyramphus holosericeus (cardeal-do-banhado) - um indivíduo
Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos
Vanellus chilensis (quero-quero) - dois indivíduos
Pyrocephalus rubinus (príncipe) - um casal

• **Visita 8:** 21/10/04, 10:00 - 11:00

Columbina picui (rolinha-picuí) - um indivíduo
Thraupis sayaca (sanhaçu-cinzento) - um indivíduo
Oreopsar badius (asa-de-telha) - um indivíduo
Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) - um indivíduo
Furnarius rufus (joão-de-barro) - três indivíduos
Pyrocephalus rubinus (príncipe) - um casal

• **Visita 9:** 28/10/04, 8:15 - 10:00

Molothrus bonariensis (vira-bosta) - um indivíduo macho
Tyrannus savana (tesourinha) - um indivíduo
Machetornis rixosus (suiriri-cavaleiro) - um indivíduo
Myiopsitta monachus (caturrita) - dois indivíduos
Paroaria coronata (cardeal) - dois indivíduos
Xolmis irupero (noivinha) - um indivíduo
Euphonia chlorotica (fim-fim) - um indivíduo macho

Furnarius rufus (joão-de-barro) - dois indivíduos
Pyrocephalus rubinus (príncipe) - um indivíduo macho
Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - um indivíduo

- **Visita 10:** 18/11/04, 9:00 - 11:00

Pyrocephalus rubinus (príncipe) - um casal
Molothrus bonariensis (vira-bosta) - um casal
Furnarius rufus (joão-de-barro) - dois indivíduos
Zonotrichia capensis (tico-tico) - um indivíduo
Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) - um indivíduo
Machetornis rixosus (suiriri-cavaleiro) - um indivíduo
Paroaria coronata (cardeal) - um indivíduo
Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos
Phimosus infuscatus (maçarico-de-cara-pelada) - um indivíduo
Zenaida auriculata (pomba-de-bando) - dois indivíduos
Thraupis sayaca (sanhaçu-cinzento) - um indivíduo
Oreopsar badius (asa-de-telha) - um indivíduo
Vanellus chilensis (quero-quero) - dois indivíduos
Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos
Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - um indivíduo
Tyrannus savana (tesourinha) - um indivíduo
Progne tapera (andorinha-do-campo) - inúmeros indivíduos
Sicalis flaveola (canário-da-terra) - um casal
Passer domesticus (pardal) - um indivíduo macho
Buteo magnirostris (gavião-carijó) - um indivíduo
Embernagra platensis (sabiá-do-banhado) - um indivíduo
Anas georgica (marreca-parda) - inúmeros indivíduos
Syrigma sibilatrix (maria-faceira) - inúmeros indivíduos

- **Visita 11:** 14/01/05, 10:35 - 11:30

Egretta thula (garça-branca-pequena) - um indivíduo
Zenaida auriculata (pomba-de-bando) - um indivíduo
Progne tapera (andorinha-do-campo) - um indivíduo
Machetornis rixosus (suiriri-cavaleiro) - um indivíduo
Passer domesticus (pardal) - dois indivíduos
Furnarius rufus (joão-de-barro) - quatro indivíduos
Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - um indivíduo

- **Visita 12:** 18/01/05, 10:30 - 11:30

Sicalis flaveola (canário-da-terra) - um casal
Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos
Machetornis rixosus (suiriri-cavaleiro) - um indivíduo
Rostrhamus sociabilis (gavião-caramujeiro) - um indivíduo

- **Visita 13:** 13/05/05, 8:15 - 10:30

Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) - dois indivíduos
Furnarius rufus (joão-de-barro) - inúmeros indivíduos
Vanellus chilensis (quero-quero) - inúmeros indivíduos
Hylocharis chrysura (beija-flor-dourado) - dois indivíduos
Parula pitiayumi (mariquita) - um indivíduo
Amazonetta brasiliensis (marreca-pé-vermelho) - três indivíduos
Zenaida auriculata (pomba-de-bando) - dois indivíduos
Troglodytes musculus (corruíra) - dois indivíduos
Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - quatro indivíduos
Coereba flaveola (cambacica) - um indivíduo
Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos
Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos

Thraupis sayaca (sanhaçu-cinzento) - um indivíduo
Oreopsar badius (asa-de-telha) - seis indivíduos
Passer domesticus (pardal) - três indivíduos fêmeas
Guira guira (anu-branco) - inúmeros indivíduos
Molothrus bonariensis (vira-bosta) - um indivíduo macho
Xolmis irupero (noivinha) - um indivíduo
Machetornis rixosus (suiriri-cavaleiro) - um indivíduo
Phimosus infuscatus (maçarico-de-cara-pelada) - um indivíduo
Columba livia (pombo-doméstico) - inúmeros indivíduos
Circus buffoni (gavião-do-banhado) - um indivíduo
Aramides cajanea (saracura-três-potes) - um indivíduo
Geothlypis aequinoctialis (pia-cobra) - um indivíduo macho

- **Visita 14:** 25/05/05, 8:15 - 10:25

Myiopsitta monachus (caturrita) - inúmeros indivíduos
Furnarius rufus (joão-de-barro) - inúmeros indivíduos
Coereba flaveola (cambacica) - um indivíduo
Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) - dois indivíduos
Plegadis chihi (maçarico-preto) - quatro indivíduos
Piaya cayana (alma-de-gato) - dois indivíduos
Molothrus bonariensis (vira-bosta) - três indivíduos machos
Phimosus infuscatus (maçarico-de-cara-pelada) - um indivíduo
Oreopsar badius (asa-de-telha) - dois indivíduos
Leucochloris albicollis (beija-flor-de-papo-branco) - um indivíduo
Paroaria coronata (cardeal) - um indivíduo
Parula pitiayumi (mariquita) - um indivíduo
Passer domesticus (pardal) - dois indivíduos machos
Milvago chimango (chimango) - um indivíduo
Progne tapera (andorinha-do-campo) - inúmeros indivíduos
Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) - um indivíduo

Guira guira (anu-branco) - inúmeros indivíduos

Anas georgica (marreca-parda) - dez indivíduos

Jacana jacana (jaçanã) - dois indivíduos

Hylocharis chrysura (beija-flor-dourado) - um indivíduo

Turdus amaurochalinus (sabiá-poca) - dois indivíduos

Knipolegus cyanirostris (maria-preta-de-bico-azulado) - um indivíduo fêmea

5.2. Tabelas

5.2.1. Frequência de Ocorrência das espécies observadas no Campus da UFPel no período de Julho/2004 a Maio/2005.

Tabela 1 – Frequência de Ocorrência das espécies observadas no Campus da UFPel no período de Julho/2004 a Maio/2005.

Espécie	2004				2005		
	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Jan	Mai
<i>Casmerodius albus</i>	x	x					
<i>Syrigma sibilatrix</i>					x		
<i>Egretta thula</i>						x	
<i>Plegadis chihi</i>							x
<i>Phimosus infuscatus</i>					x		x
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	x					x	
<i>Circus buffoni</i>							x
<i>Buteo magnirostris</i>					x		
<i>Milvago chimango</i>							x
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	x		x				x
<i>Anas georgica</i>	x	x	x		x		x
<i>Aramides cajanea</i>							x
<i>Jacana jaçanã</i>	x	x		x	x		x
<i>Vanellus chilensis</i>	x	x	x	x	x		x
<i>Columba livia</i>							x
<i>Zenaida auriculata</i>	x		x		x	x	x
<i>Columbina picui</i>				x			
<i>Myiopsitta monachus</i>	x			x	x	x	x
<i>Piaya cayana</i>							x
<i>Crotophaga ani</i>		x					
<i>Guira guira</i>			x	x			x
<i>Hylocharis chrysura</i>	x						x
<i>Leucochloris albicollis</i>							x
<i>Choloroceryle amazona</i>	x	x					
<i>Colaptes melanochloros</i>		x	x				
<i>Colaptes campestris</i>	x						
<i>Furnarius rufus</i>	x	x	x	x	x	x	x
<i>Serpophaga subcristata</i>	x						
<i>Phylloscartes ventralis</i>	x						

<i>Pyrocephalus rubinus</i>			X	X	X		
<i>Xolmis irupero</i>				X			X
<i>Knipolegus cyanirostris</i>	X						X
<i>Satrapa icterophrys</i>			X				
<i>Machetornis rixosus</i>				X	X	X	X
<i>Pitangus sulphuratus</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Tyrannus savanna</i>				X	X		
<i>Progne tapera</i>				X	X	X	X
<i>Troglodytes musculus</i>	X	X					X
<i>Turdus rufiventris</i>	X		X	X	X		X
<i>Turdus amaurochalinus</i>							X
<i>Zonotrichia capensis</i>	X				X		
<i>Sicalis flaveola</i>	X				X	X	
<i>Embernagra platensis</i>					X		
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	X						
<i>Paroaria coronata</i>	X			X	X		X
<i>Cyanocompsa brissonii</i>	X						
<i>Thraupis sayaca</i>				X	X		X
<i>Euphonia chlorotica</i>				X			
<i>Coereba flaveola</i>	X	X					X
<i>Parula pitiayumi</i>	X	X					X
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>							X
<i>Basileuterus culicivorus</i>	X						
<i>Agelaius ruficapillus</i>			X				
<i>Amblyramphus holosericeus</i>				X			
<i>Oreopsar badius</i>	X			X	X		X
<i>Molothrus bonariensis</i>				X	X		X
<i>Passer domesticus</i>			X		X	X	X

5.2.2. Espécies registradas ao longo das áreas de estudo estipuladas.

Tabela 2 – Espécies registradas ao longo das áreas de estudo estipuladas.

Espécie	Ambientes		
	Sítio I	Sítio II	Sítio III
<i>Casmerodius albus</i>	X		
<i>Syrigma sibilatrix</i>			X
<i>Egretta thula</i>		X	
<i>Plegadis chihi</i>		X	
<i>Phimosus infuscatus</i>		X	
<i>Rostrhamus siciabilis</i>	X	X	
<i>Circus buffoni</i>	X		
<i>Buteo magnirostris</i>	X		
<i>Milvago chimango</i>		X	
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	X		
<i>Anas georgica</i>	X		
<i>Aramides cajanea</i>			X
<i>Jacana jacana</i>	X	X	
<i>Vanellus chilensis</i>	X	X	
<i>Columba livia</i>		X	
<i>Zenaida auriculata</i>		X	X
<i>Columbina picui</i>		X	
<i>Myiopsitta monachus</i>	X	X	X
<i>Piaya cayana</i>		X	
<i>Crotophaga ani</i>			X
<i>Guira guira</i>	X	X	X
<i>Hylocharis chrysura</i>	X		X
<i>Leucochloris albicollis</i>		X	
<i>Choloroceryle amazona</i>	X		
<i>Colaptes melanochloros</i>			X
<i>Colaptes campestris</i>			X
<i>Furnarius rufus</i>	X	X	X
<i>Serpophaga subcristata</i>			X
<i>Phylloscartes ventralis</i>			X
<i>Pyrocephalus rubinus</i>		X	

<i>Xolmis irupero</i>		x	
<i>Knipolegus cyanirostris</i>	x		x
<i>Satrapa icterophrys</i>			x
<i>Machetornis rixosus</i>		x	
<i>Pitangus sulphuratus</i>	X	x	x
<i>Tyrannus savana</i>		x	
<i>Progne tapera</i>		x	
<i>Troglodytes musculus</i>	X		x
<i>Turdus rufiventris</i>	X	x	x
<i>Turdus amaurochalinus</i>			x
<i>Zonotrichia capensis</i>			x
<i>Sicalis flaveola</i>		x	
<i>Embernagra platensis</i>	X		
<i>Coryphospingus cucullatus</i>			x
<i>Paroaria coronata</i>		x	
<i>Cyanocompsa brissonii</i>			x
<i>Thraupis sayaca</i>	X	x	x
<i>Euphonia chlorotica</i>	X		
<i>Coereba flaveola</i>	X		x
<i>Parula pitiayumi</i>	X	x	x
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>			x
<i>Basileuterus culicivorus</i>	X		x
<i>Agelaius ruficapillus</i>	X		
<i>Amblyramphus holosericeus</i>		x	
<i>Oreopsar badius</i>	X		x
<i>Molothrus bonariensis</i>		x	
<i>Passer domesticus</i>		x	

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram registradas 57 espécies, distribuídas em 23 famílias no Campus da UFPel, das quais 25 foram observadas no Sítio I, 29 no

Espécies como *Circus buffoni*, *Buteo magnirostris*, *Rostrhamus siciabilis*, *Milvago chimango*, *Egretta thula* e *Plegadis chihi* (este último em bando) foram observadas apenas sobrevoando os ambientes em estudo.

Um único indivíduo de *Euphonia chlorotica* foi encontrado morto nas proximidades do Sítio I após uma tempestade. O espécime em questão era macho.

Exemplares de *Amazonetta brasiliensis*, *Anas georgica*, *Casmerodius albus*, *Circus buffoni*, *Buteo magnirostris*, *Choloroceryle amazona*, *Embernagra platensis*, *Agelaius ruficapillus* e *Euphonia chlorotica*, foram observados somente no Sítio I. As três primeiras espécies são exemplos de aves que habitam áreas úmidas como banhados, açudes e lagos (EFE, MOHR & BUGONI, 2001). Espécies de passeriformes, como *Embernagra platensis*, *Agelaius ruficapillus* e *Euphonia chlorotica*, foram avistados na vegetação de entorno, além de um martim - pescador (*Choloroceryle amazona*) que, provavelmente, aguardava uma oportunidade para obter alimento às margens do lago. Segundo Accordi (2001), aves que se refugiam em áreas menos urbanizadas representam um grupo de espécies mais sensível a perturbações de origem antrópica.

Foram vistas somente no Sítio II 18 espécies: *Egretta thula*, *Plegadis chihi*, *Phimosus infuscatus*, *Milvago chimango*, *Columbina picui*, *Columba livia*, *Piaya cayana*, *Leucochloris albicollis*, *Pyrocephalus rubinus*, *Xolmis irupero*, *Machetornis rixosus*, *Tyrannus savana*, *Progne tapera*, *Sicalis flaveola*, *Paroaria coronata*, *Amblyramphus holosericeus*, *Molothrus bonariensis* e *Passer domesticus*, representando 31% do total de espécies observadas. *Piaya cayana*, *Leucochloris albicollis*, *Pyrocephalus rubinus* e *Xolmis*

irupero, *Sicalis flaveola*, *Paroaria coronata* e *Molothrus bonariensis* eram encontradas sempre nas áreas onde a vegetação arbórea é mais abundante, sendo que *Pyrocephalus rubinus* só foi observado nos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 2004, por ser residente de verão no sul do Rio Grande do Sul (BELTON, 1994). *Tyrannus savana* e *Progne tapera* freqüentemente eram vistas pousadas nos fios dos postes somente nos meses mais quentes, já que, de acordo com Belton (1994), as duas espécies também são residentes

Amblyramphus holosericeus foi registrado somente uma vez pousado em um moirão atrás de um prédio. *Columba livia* e *Passer domesticus* são espécies introduzidas e provavelmente competem com espécies nativas (ACCORDI, 2001), a primeira era vista em grandes bandos geralmente no alto de prédios e a outra pousada em fios e galhos.

Foram registrados somente no Sítio III *Syrigma sibilatrix*, *Aramides cajanea*, *Crotophaga ani*, *Colaptes melanochloros*, *Colaptes campestris*, *Serpophaga subcristata*, *Satrapa icterophrys*, *Phylloscartes ventralis*, *Turdus amaurochalinus*, *Zonotrichia capensis*, *Coryphospingus cucullatus*, *Cyanocompsa brissonii* e *Geothlypis aequinoctialis*, que constituem espécies de mata, pouco tolerantes à presença do homem e que, provavelmente, utilizavam os corredores de Eucaliptos como locais de pouso temporário.

As espécies *Myiopsitta monachus*, *Guira guira*, *Furnarius rufus*, *Pitangus sulphuratus*, *Turdus rufiventris*, *Thraupis sayaca* e *Parula pitiayumi* estiveram presentes em todos os ambientes, correspondendo a 12% do total observado e enquadrando-se também no grupo das espécies pouco sensíveis às ações antrópicas e adaptáveis aos ambientes modificados pela urbanização.

Rostrhamus siciabilis, *Jacana jacana* e *Vanellus chilensis* foram vistos no Sítio I e II, *Zenaida auriculata* foi encontrada nos Sítios II e III e *Hylocharis chrysura*, *Knipolegus cyanirostris*, *Troglodytes musculus*, *Coereba flaveola*, *Basileuterus culicivorus* e *Oreopsar badius* foram avistados nos Sítios I e III.

As espécies mais freqüentes foram *Furnarius rufus* e *Pitangus sulphuratus*, estando presentes nos três Sítios e em todos os meses de amostragem. Estas espécies também foram encontradas em levantamentos feitos em Curitiba-PR (ANJOS & LAROCCA, 1989), na cidade universitária Armando Salles de Oliveira da USP em São Paulo-SP

(MATARAZZO-NEUBERGUER, 1990), na zona urbana de Canoas-RS (ACCORDI, 2001) e em diversos locais da zona urbana de Porto Alegre-RS (VOSS, 1979, 1981).

Matarazzo-Neuberger (1995) conclui que áreas com vegetação variada e pequena porcentagem de área construída ou que conservem parte da vegetação natural, como praças grandes e parques, são favoráveis para a manutenção de uma avifauna variada.

A autora ainda afirma que nestes locais a avifauna possui uma composição intermediária entre aquela que é encontrada em locais muito urbanizados ou com vegetação

7. CONCLUSÕES

Baseando - se nos dados encontrados no Campus da UFPel juntamente com aqueles registrados pelos autores citados anteriormente, pode -se concluir que:

- O Sítio II, que corresponde à área urbana do Campus e é caracterizado pelo fluxo constante de pessoas e meios de transporte. Corresponde ao ambiente mais rico em espécies (n=29) e as aves presentes neste local são mais resistentes e adaptadas às ações an
- *Furnarius rufus* e *Pitangus sulphuratus* são espécies extremamente adaptadas à presença humana e às ações antrópicas presentes no seu habitat.
- Por serem encontradas tanto no Sítio II, que caracteriza-se pela urbanização, quanto nos Sítio I e III, que são ambientes pouco antropizados, *Furnarius rufus* e *Pitangus sulphuratus* podem ser considerados muito adaptados e em equilíbrio com seus habitats, sejam urbanos ou não.
- As aves encontradas no Sítio I são mais sensíveis às ações antrópicas e por isso não foram registradas no Sítio II.
- O Campus da UFPel se enquadra no conceito de Matarazzo-Neuberger (1995), pois apresenta uma avifauna variada distribuída entre ambientes pouco urbanizados e ambientes com um fluxo muito grande de pessoas, passando por áreas intermediárias.
- Aves que habitam os Sítios I e III e que não são encontradas no Sítio II, são pouco adaptáveis à urbanização, porém estão em equilíbrio com seu habitat,

sendo que algumas ainda utilizam os Eucaliptos como corredores de acesso e como locais de pouso intermediário.

- A presença humana contribuiu para que indivíduos de *Furnarius rufus* e *Pitangus sulphuratus*, por exemplo, encontrados no ambiente urbano não se estressem com o fluxo de pessoas e carros, em contrapartida, os indivíduos registrados nos lugares menos antropizados são extremamente ariscos.
- Outras espécies que não são tão abundantes, mas que também são encontradas nos três tipos de ambientes também tendem a apresentar o mesmo tipo de comportamento.

Sendo assim, torna-se conclusivo que os objetivos do presente trabalho foram atingidos, porém, julga-se necessário que este estudo tenha continuidade, já que certamente existem muitas espécies que não foram registradas neste levantamento devido à falta de tempo e de maiores recursos.

O Campus da UFPel possui um ecossistema, no qual as aves fazem parte e exercem papel importante no seu equilíbrio. A conservação é o único meio de manter esta sinergia e o conhecimento das espécies é o caminho para chegar à conservação.

REFERÊNCIAS

ACCORDI, I. A. Avifauna de três sítios contíguos na zona urbana do município de Canoas, RS. **Acta Biologica Leopoldensia**, v.23, n.1, p.59-68, jan./jun. 2001.

ANJOS, L.; LAROCA, S. - Abundância Relativa e Diversidade Específica em duas comunidades urbanas de aves de Curitiba (Sul do Brasil). **Arq. Biol. Tecnol.**, v.32, n.4, p.637-643, out. 1989.

BEISSINGER, S. R.; OSBORNE, D. R. - Effects of urbanization on avian community organization. **Condor**, n.84, p.75 - 83, 1982.

BELTON, W. **Aves do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1994. 584 p.

BELTON, W; DUNNING, J. S. **Aves Silvestres do Rio Grande do Sul**. 4.ed. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2004. 175p.

BENCKE, G. A. **Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2001. 104p.

DEVELEY, P. F. - Métodos para estudos com aves. In: CULLEN Jr, L.; RUDRAM, R.; VALLADARES-PÁDUA, C. - **Métodos de Estudos em Biologia da Conservação & Manejo da Vida Silvestre**. Curitiba: Ed. da UFPR, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2003. p.153-179.

DEVELEY, P. F.; ENDRIGO, E. **Guia de Campo Aves da Grande São Paulo.**
Paulo: Aves e Fotos, 2004. 295p.

DICKMAN, C. R. - Habitat fragmentation and vertebrate species richness in a urban enviroment. **J. Appl. EcoL.**, n.24, p.337-51, 1987.

DORNELLES, J. E. F.; COIMBRA, M. A. A.; MASCARENHAS, C. S. - O Acervo Ornitológico. In: **Guia da Biodiversidade do Acervo do Museu de Ciências Carlos Ritter.** Pelotas: Ed. da UFPel, 2004. p.11-42.

EFE, M. A.; MOHR, L. V.; BUGONI, L. **Guia Ilustrado das Aves dos Parques de Porto Alegre.** Porto Alegre: PROAVES, SMAM, COPESUL, CEMAVE, 2001. 144 p.

EMLLEN, J. T. - An urban bird community in Tucson, Arizona: derivation, structure, regulation. **Condor**, n.76, p184-197, 1974.

FRANKIE, G. W.; EHLER, L. E. - Ecology of insects in urban enviroment. **Ann. Rev. Entomol.**, n.23, p367-387, 1978.

GIUSTI, C. L. L. - **Normalização de teses, dissertações e trabalhos acad**
Manual de orientação. Pelotas, 2005. 68pp.

HÖFLING, E.; CAMARGO, H. F. A. **Aves no Campus.** 3.ed. São Paulo: Edusp, 2002.
168p.

LAROCA S.; CURE, J. R.; BOTOLI, C. - A associação de abelhas silvestres (Hymenoptera, Apoidea) de uma área restrita no interior da cidade de Curitiba: uma abordagem biocenótica. **Duseni**, v.13, n.3, p.93-117, 1982.

MATARAZZO - NEUBERGUER, W. M. - Lista das aves observadas na cidade universitária "Armando Salles de Oliveira", São Paulo, Brasil. **Rev.Brasil.Biol.**, v.50, n.2, p.507 - 511, maio. 1990.

MATARAZZO - NEUBERGUER, W. M. - Comunidades de aves de cinco parques e praças da Grande São Paulo, Estado de São Paulo. **Ararajuba**, n.3, p.13 - 19, dez. 1995.

NAROSKY, T.; YZURIETA, D. **Guia para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay**. 15.ed. Buenos Aires: Vazquez Mazzini, 2003. 348 p.

PARKER III., T. A. - On the use of tape recorders in avifaunal surveys. **Auk**, n.108, p.443-444, 1990.

RADAM Brasil - **Levantamento de Recursos Naturais-folha SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.22 Urugauiana e SI.22 Lagoa Mirim. Geologia, Geomorfologia, Pedologia, Vegetação, uso potencial da terra**. Vol.33. Rio de Janeiro, IBGE, 1986.

RALPH, J. C.; GEUPEL, G. R.; PYLE, P.; MARTIN, T. E.; DeSANTE, D. F.; MILÁ, B. **Manual de métodos de campo para el monitoreo de aves terrestres**. USDA, Forest Service, General Technical Report PSW-GTR-159, 1996.

REY, L. **Planejar e redigir trabalhos científicos**. 2.ed. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1998, 318 p.

SASAVARI, L. - Bird abundance and species diversity in the parks and squares of Budapest. **Folia Zool.**, v.33, n.3, p.249-62, 1984.

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 862 p.

VOSS, W. A. - Aves de Porto Alegre I - Aves observadas na área central da cidade. **Pesquisas, série Zoologia**, n.31, p.1-7. 1979.

VOSS, W. A. - Aves de Porto Alegre III - Aves observadas no Jardim Botânico da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. **Acta Biologica Leopoldensia**, v.3, n.1, p.81-94, 1981.

VOSS, W. A.; SANDER, M. - Aves livres observadas no Parque Farroupilha, Porto Alegre, RS, Brasil. **Pesquisas, série Zoologia**, n.33, p.3-15, 1982.

VOSS, W. A.; SANDER, M. **Aves do Parque Farroupilha em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul - FZB /UNISINOS, 1984. 48p.

ANEXOS



Foto1: *Syrigma sibilatrix* (maria-faceira)
G. S. Traversi©



Foto2: *Syrigma sibilatrix* (maria-faceira)
G. S. Traversi©



Foto3: *Casmerodius albus* (garça-branca-grande)
G. S. Traversi©



Foto4: *Casmerodius albus* (garça-branca-grande)
G. S. Traversi©

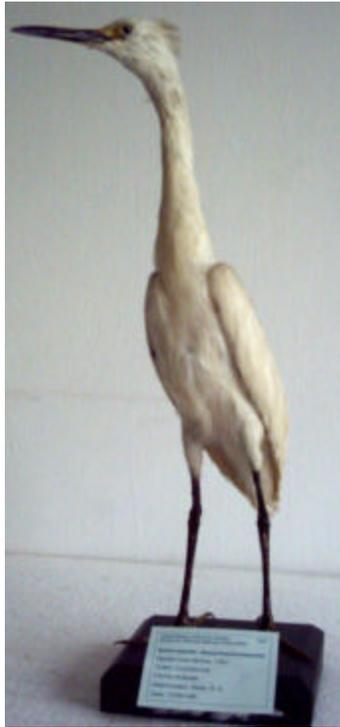


Foto5: *Egretta thula* (garça-branca-pequena)
G. S. TRAVERSI©



Foto6: *Egretta thula* (garça-branca-pequena)
G. S. TRAVERSI©



FOTO7: *PHIMOSUS INFUSCATUS* (MAÇARICO-DE-CARA-PELADA)
G. S. TRAVERSI©



FOTO8: *PHIMOSUS INFUSCATUS* (MAÇARICO-DE-CARA-PELADA)
G. S. TRAVERSI©



Foto9: *Plegadis chihi* (maçarico-preto)
G. S. TRAVERSI©



Foto10: *Plegadis chihi* (maçarico-preto)
G. S. TRAVERSI©



Foto11: *Rostrhamus sociabilis* (gavião-caramujeiro)
G. S. TRAVERS©



Foto12: *Rostrhamus sociabilis* (gavião-caramujeiro) - Jovem
G. S. TRAVERS©



Foto13: *Circus buffoni* (gavião-do-banhado)
G. S. Traversi©



Foto14: *Circus buffoni* (gavião-do-banhado)
G. S. Traversi©



Foto15: *Buteo magnirostris* (gavião-carijó)
G. S. Traversi©



Foto16: *Buteo magnirostris* (gavião-carijó)
G. S. Traversi©



Foto17: *Milvago chimango* (chimango)
G. S. Traversi©



Foto18: *Milvago chimango* (chimango)
G. S. Traversi©



Foto19: *Amazonetta brasiliensis* (marreca-pé-vermelho) - Macho
G. S. Traversi©



Foto20: *Amazonetta brasiliensis* (marreca-pé-vermelho) – Fêmea com filhote
G. S. Traversi©



Foto21: *Anas georgica* (marreca-parda)
G. S. Traversi©



Foto22: *Anas georgica* (marreca-parda)
G. S. Traversi©



Foto23: *Aramides cajanea* (três-potes)
G. S. Traversi©



Foto24: *Aramides cajanea* (três-potes)
G. S. Traversi©



Foto25: *Jacana jacana* (jaçanã)
G. S. Traversi©



Foto26: *Jacana jacana* (jaçanã) – Com filhotes
G. S. Traversi©



Foto27: *Vanellus chilensis* (quero-quero)
G. S. Traversi©



Foto28: *Vanellus chilensis* (quero-quero)
G. S. Traversi©



Foto29: *Columba livia* (pombo-doméstico)
G. S. Traversi©



Foto30: *Columba livia* (pombo-doméstico)
G. S. Traversi©



Foto31: *Zenaida auriculata* (pomba-de-bando)
G. S. Traversi©



Foto32: *Zenaida auriculata* (pomba-de-bando)
G. S. Traversi©



Foto33: *Myiopsitta monachus* (caturrita)
G. S. Traversi©



Foto34: *Myiopsitta monachus* (caturrita)
G. S. Traversi©



Foto35: *Piaya cayana* (alma-de-gato)
G. S. Traversi©



Foto36: *Piaya cayana* (alma-de-gato)
G. S. Traversi©



Foto37: *Crotophaga ani* (anu-preto)
G. S. Traversi©



Foto38: *Crotophaga ani* (anu-preto)
G. S. Traversi©



Foto39: *Guira guira* (anu-branco)
G. S. Traversi©



Foto40: *Guira guira* (anu-branco)
G. S. Traversi©



Foto41: *Chloroceryle amazona* (martim-pescador-verde)
G. S. Traversi©



Foto42: *Chloroceryle amazona* (martim-pescador-verde)
G. S. Traversi©



Foto43: *Colaptes melanochloros* (pica-pau-verde-barrado)
G. S. Traversi©



Foto44: *Colaptes melanochloros* (pica-pau-verde-barrado)
G. S. Traversi©



Foto45: *Colaptes campestris* (pica-pau-do-campo)
G. S. Traversi©



Foto46: *Colaptes campestris* (pica-pau-do-campo)
G. S. Traversi©



Foto47: *Furnarius rufus* (joão-de-barro)
G. S. Traversi©



Foto48: *Furnarius rufus* (joão-de-barro)
G. S. Traversi©



Foto49: *Pyrocephalus rubinus* (príncipe) - Macho
G. S. Traversi©



Foto50: *Pyrocephalus rubinus* (príncipe) - Fêmea
G. S. Traversi©



Foto51: *Xolmis irupero* (noivinha)
G. S. Traversi©



Foto52: *Xolmis irupero* (noivinha)
G. S. Traversi©



Foto53: *Knipolegus cyanirostris* (maria-pretade-bico-azulado) - Macho
G. S. Traversi©



Foto54: *Knipolegus cyanirostris* (maria-pretade-bico-azulado) - Macho
G. S. Traversi©



Foto55: *Satrapa icterophrys* (suiriri-pequeno)
G. S. Traversi©



Foto56: *Satrapa icterophrys* (suiriri-pequeno)
G. S. Traversi©



Foto57: *Machetornis rixosus* (suiriri-cavaleiro)
G. S. Traversi©



Foto58: *Machetornis rixosus* (suiriri-cavaleiro)
G. S. Traversi©



Foto59: *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi)
G. S. Traversi©



Foto60: *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi)
G. S. Traversi©



Foto61: *Tyrannus savana* (tesourinha)
G. S. Traversi©



Foto62: *Tyrannus savana* (tesourinha)
G. S. Traversi©



Foto63: *Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira)
G. S. Traversi©



Foto64: *Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira)
G. S. Traversi©



Foto65: *Turdus amaurochalinus* (sabiá-poca)
G. S. Traversi©



Foto66: *Turdus amaurochalinus* (sabiá-poca)
G. S. Traversi©



Foto67: *Zonotrichia capensis* (tico-tico)
G. S. Traversi©



Foto68: *Zonotrichia capensis* (tico-tico)
G. S. Traversi©



Foto69: *Embernagra platensis* (sabiá-do-banhado)
G. S. Traversi©



Foto70: *Embernagra platensis* (sabiá-do-banhado)
G. S. Traversi©



Foto71: *Thraupis sayaca* (sanhaçu-cinzento)
G. S. Traversi©



Foto72: *Thraupis sayaca* (sanhaçu-cinzento)
G. S. Traversi©



Foto73: *Geothlypis aequinoctialis* (pia-cobra)
G. S. Traversi©



Foto74: *Geothlypis aequinoctialis* (pia-cobra)
G. S. Traversi©



Foto75: *Agelaius ruficapillus* (garibaldi)
G. S. Traversi©



Foto76: *Agelaius ruficapillus* (garibaldi)
G. S. Traversi©



Foto77: *Amblyramphus holosericeus* (cardeal-do-banhado)
G. S. Traversi©



Foto78: *Amblyramphus holosericeus* (cardeal-do-banhado)
G. S. Traversi©



Foto79: *Passer domesticus* (pardal)
G. S. Traversi©